

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RAFAELLA BASILIO PEREIRA

**A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO: CRITÉRIOS DE
NOTICIABILIDADE A PARTIR DA PARTICIPAÇÃO DAS
JORNALISTAS NA COBERTURA DAS OLIMPÍADAS RIO 2016**

**VOLTA REDONDA
2019**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO: CRITÉRIOS DE
NOTICIABILIDADE A PARTIR DA PARTICIPAÇÃO DAS
JORNALISTAS NA COBERTURA DAS OLIMPÍADAS RIO2016**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Jornalismo do
UniFOA como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em
Jornalismo.

Aluna:

Rafaella Basilio Pereira

Orientador:

Professor Mestre Douglas Baltazar
Gonçalves

VOLTA REDONDA

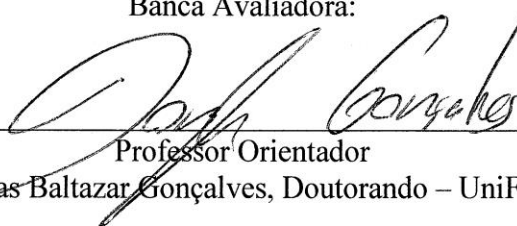
2019

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado A Mulher no Jornalismo Esportivo: Critérios de Noticiabilidade a Partir da Participação das Jornalistas da Cobertura das Olimpíadas Rio 2016 elaborado por Rafaella Basílio Pereira apresentado publicamente perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Jornalismo.

Aprovado em 21 de outubro de 2019.

Banca Avaliadora:



Professor Orientador

Douglas Baltazar Gonçalves, Doutorando – UniFOA



Professora Avaliadora

Rebeca Baltazar Chaves, Mestre – UniFOA



Professora Avaliadora

Clarisse Netto de Rezende, Mestre – UniFOA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui. Primeiramente a Deus por ser presente em minha vida e nunca me deixar faltar a fé, agradeço aos meus pais, sempre presentes e motivadores nesta caminhada, a todos os entes queridos e amigos, que por vezes aguentaram meus momentos de desespero e me motivaram, com palavras e abraços sinceros que guardarei para sempre, aos professores que, com todos os ensinamentos que foram dados com carinho e paciência contribuíram para que esse sonho fosse possível.

AGRADECIMENTO

Começo por Deus, pois sem ele eu não teria chegado até aqui, aos meus pais e todas as pessoas especiais que fazem parte dos meus dias, por sempre me incentivarem e apoiarem meus sonhos, aos meus professores que durante esta caminhada me ensinaram fundamentos importantes não só academicamente, mas para a vida. Não posso me esquecer de meus amigos, que para cada lágrima de desânimo, colocavam um sorriso de esperança em meu rosto. A todos vocês, meu sincero agradecimento, essa conquista é nossa.

EPÍGRAFE

“A vida não é sobre metas, conquistas ou linhas de chegada, é sobre quem você se torna nesta caminhada.”

(Autor desconhecido)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo mostrar o cenário da mulher no Jornalismo Esportivo e sua crescente participação na respectiva editoria. A análise deste trabalho está dividida em um estudo de caso por meio dos critérios de noticiabilidade, a fim de averiguar a representatividade feminina na cobertura da Olimpíada Rio 2016 durante o programa Globo Esporte. Apresenta, também, como ocorreu a inclusão das mulheres na segmentação esportiva, lugar que por muito tempo, foi majoritariamente representado por homens, reforçando assim, o estereótipo de gêneros. Há um preconceito de que mulher não entende de esporte, principalmente quando se trata de futebol, por exemplo. A representação da mulher no ambiente esportivo ainda é limitada. Ao longo dos anos esse cenário mudou, elas se destacaram, porém a luta por respeito e igualdade ainda persiste em algumas áreas do jornalismo esportivo, como na cobertura de grandes eventos esportivos.

Palavras-chave: Mulher; Jornalismo Esportivo; Gênero.

ABSTRACT

The present Work of Conclusion of Course aims to show the scenario of women in Sports Journalism and their growing participation in the respective editorial. The analysis of this work is divided into a case study through the criteria of news, in order to verify the female representation in the coverage of the Rio 2016 Olympics during the Globo Esporte program. It also presents how the inclusion of women in the sports segmentation occurred, a place that for a long time was mostly represented by men, thus reinforcing the gender stereotype. There is a prejudice that women do not understand sports, especially when it comes to sports. football, for example. Women's representation in the sports environment is still limited. Over the years this scenario has changed, they have stood out, but the struggle for respect and equality still persists in some areas of sports journalism, such as covering major sporting events.

Keywords: Woman; Sporting Journalism; Genre.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DO ESPORTE	14
2.1 O surgimento do jornalismo esportivo	15
2.1.1 O jornalismo esportivo no mundo.....	15
2.1.2 O jornalismo esportivo no Brasil.....	16
2.2 O telejornalismo e o esporte se encontram	19
2.3 O jornalismo online	26
3 A MULHER PROFISSIONAL.....	28
3.1 A mulher jornalista.....	29
3.2 Desigualdade de gênero: mulher e esporte	33
3.3 A mulher no telejornalismo esportivo	35
4 ESTUDO DE CASO DA REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NAS COBERTURAS DAS OLIMPÍADAS RIO 2016.....	38
4.1 Globo Esporte	38
4.2 As Olimpíadas	40
4.3 Cobertura da Olimpíada 2016.....	41
4.4 Análise	43
4.4.1 Análise quantitativa	45
4.4.2 Análise qualitativa.....	47
5 CONCLUSÃO	68
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 –Referente ao período de aceitação dos meios de comunicação	27
TABELA 2 –Referente aos Critérios de Noticiabilidade	45
TABELA 3 –Referente à Análise Quantitativa	46
TABELA 4 – Valores-notícias encontrados nas reportagens.....	67

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Reportagem Futebol Feminino dia 10/08/2016.....	47
Figura 2 - Reportagem Futebol Feminino dia 10/08/2016	48
Figura 3 - Reportagem Futebol Feminino dia 10/08/2016.....	49
Figura 4 - Reportagem Futebol Feminino dia 10/08/2016.....	49
Figura 5 - Reportagem Futebol Feminino dia 12/08/2016	50
Figura 6 - Reportagem Futebol Feminino dia 12/08/2016.....	50
Figura 7 - Reportagem Futebol Feminino dia 13/08/2016	51
Figura 8 - Reportagem Futebol Feminino dia 13/08/2016	52
Figura 9 - Reportagem Futebol Feminino dia 13/08/2016.....	52
Figura 10 - Reportagem Futebol Feminino dia 19/08/2016.....	53
Figura 11 - Reportagem Futebol Feminino dia 19/08/2016	53
Figura 12 - Reportagem Futebol Feminino dia 19/08/2016	54
Figura 13- Reportagem Ginástica Artística dia 09/08/2016.....	55
Figura 14 - Reportagem Ginástica Artística dia 09/08/2016.....	56
Figura 15 - Reportagem Ginástica Artística dia 09/08/2016	56
Figura 16 - Reportagem Ginástica Artística dia 09/08/2016.....	57
Figura 17 - Reportagem Ginástica Artística dia 09/08/2016.....	57
Figura 18 - Reportagem Ginástica Artística dia 10/08/2016.....	58
Figura 19 - Reportagem Ginástica Artística dia 10/08/2016.....	58
Figura 20 - Reportagem Ginástica Artística dia 10/08/2016.....	59
Figura 21 - Reportagem Ginástica Artística dia 15/08/2016.....	59
Figura 22- Reportagem Ginástica Artística dia 15/08/2016.....	60

Figura 23 - Reportagem Ginástica Artística dia 15/08/2016.....	60
Figura 24 - Reportagem Ginástica Artística dia 16/08/2016	61
Figura 25 - Reportagem Ginástica Artística dia 16/08/2016	61
Figura 26 - Reportagem Ginástica Artística dia 16/08/2016.....	62
Figura 27 - Reportagem Polo Aquático dia 11/08/2016.....	63
Figura 28 - Reportagem Polo Aquático dia 11/08/2016	64
Figura 29 - Reportagem Polo Aquático dia 11/08/2016.....	64
Figura 30 - Reportagem Judô dia 13/08/2016.....	65
Figura 31 - Reportagem Judô dia 13/08/2016.....	66
Figura 32 - Reportagem Judô dia 13/08/2016.....	66

1. INTRODUÇÃO

As mulheres, ao longo dos anos, lutaram para conquistarem espaço e seus direitos civis na sociedade, um exemplo disso, é que, de acordo com Simões (2004), na história, as conquistas das mulheres foram tardias. O voto político feminino foi oficializado somente no século passado, feito que nem mesmo completou sessenta anos no Brasil. “Os registros históricos já definem o lugar e os deveres da mulher. Sob este ângulo, a mesma estaria submetida somente a vida doméstica sendo excluída da vida pública e de qualquer envolvimento político” (BRAVO, 2009, p. 11).

Para Alexandrino (2011) é perceptível que a mulher em diversas ocasiões precisou lutar para obter seus direitos, bem como o direito de votar, também precisaram conquistar o direito de praticar esportes e de serem reconhecidas como profissionais no mercado de trabalho. De acordo com Camila Nogaroli (2017), a frase “aqui não é lugar de mulher”, é usada muitas vezes para desmerecer a profissional em determinadas funções no emprego. Quando começou a ocupar cargos no mercado de trabalho, o machismo existente na sociedade acompanhou as mulheres também em ambientes profissionais.

O preconceito de gênero é uma questão séria que, mesmo com o passar dos anos, ainda vigora na sociedade e em ambientes de trabalho. Santos e Temer (2018) sustentam isto ao dizerem que, ainda que a mulher tenha alcançado direitos imprescindíveis no século XX e a igualdade entre os sexos encontra-se proclamada na constituição brasileira, o gênero feminino não é inserido na sociedade de forma plena, devido aos princípios e valores machistas que são exercidos pela cidadania.

No esporte, a história não é diferente, mesmo após uma evolução na relação da mulher com o esporte, a mulher praticar ou falar sobre esporte ainda é um tabu. Porém, nos últimos anos, o ambiente esportivo teve um grande avanço em relação à participação feminina.

Com base em Coelho (2003), antes da década de 1970, raramente via-se mulheres atuando no jornalismo esportivo, mesmo após longos anos desde seu surgimento. É visto que no decorrer dos anos o cenário mudou, muitas mulheres

conquistaram espaço no ambiente esportivo, porém, mesmo com todo o avanço, o preconceito ainda vigora nas editorias.

Em 2019, a relação de gênero ainda tem influência no mercado de trabalho jornalístico, o que dificulta a inserção da mulher em determinadas áreas, principalmente no esporte. Além do preconceito que ainda vigora nas editorias jornalísticas, a prática esportiva feminina também sofre com o estereótipo machista determinado pela mídia. Não basta gostar de esporte, tem que entender do assunto.

Mesmo que de forma tardia, as mulheres conquistaram espaço no ambiente esportivo, porém ainda há barreiras a serem vencidas. As profissionais seguem lutando para quebrarem o paradigma de sexo frágil e serem tratadas com igualdade perante aos homens em ambientes de trabalho. No esporte, atletas e jornalistas esportivas precisam provar que o fato de serem mulheres não desqualificam o seu entendimento no assunto que antes, era dominado pelos homens.

Partindo do atual cenário e levando em conta as conquistas da mulher no jornalismo esportivo, esta pesquisa pretende mostrar, através da análise da cobertura das Olimpíadas Rio 2016, como a mulher está representada no jornalismo esportivo, e se o preconceito de gênero ainda está presente no ambiente profissional da mulher enquanto atleta e jornalista esportiva.

O procedimento de realização deste trabalho está dividido em um estudo de caso sobre como a participação feminina foi representada na cobertura das Olimpíadas Rio 2016 durante o programa Globo Esporte. Também será realizado um levantamento bibliográfico a partir dos principais autores que discorrem sobre o conceito de questão de gênero no jornalismo esportivo. Segundo Fonseca (2002, p.32) “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.” Para coletar os resultados que respondem a problemática da pesquisa, usaremos o método qualitativo e quantitativo, onde será feita uma análise por meio de conceitos e números da participação feminina na cobertura do evento.

Serão levantadas questões como a desvalorização da matéria produzida pelas jornalistas em decorrência do ambiente machista e como as mulheres são representadas nessas reportagens enquanto atletas. Assim, busca-se então

entender como o preconceito tem se apresentado nas editorias esportivas, levando em consideração as diversas modalidades que constitui o evento. Pretende-se verificar e classificar os critérios de noticiabilidade no qual as mulheres foram inseridas, avaliando a relevância das matérias veiculadas pelas repórteres presentes em eventos esportivos.

A plataforma escolhida para a coleta dos dados deste trabalho foi o Globoplay, acervo online de vídeos da emissora Globo, que disponibiliza os conteúdos transmitidos pela TV. A análise será feita através das coberturas que foram veiculados durante os dias 05 a 21 de agosto de 2016 durante o programa Globo Esporte, levando em consideração que o programa não foi exibido no dia 06, e também não é exibido aos domingos, por isso, foram recortados os dias 06, 07, 14 e 21.

A escolha pela cobertura em análise se deve ao fato de o evento abranger maior segmentação de modalidades na ocasião, o que contribui para o estudo visto a problematização de que a mulher é inserida em coberturas menos aprofundadas e de menor relevância. Para comprovar esse pressuposto, será feito um mapeamento de categoria e modalidade no qual as mulheres foram inseridas, além de avaliar a relevância da reportagem.

Essa pesquisa contará com três capítulos, que serão divididos da seguinte maneira: No primeiro capítulo será feita uma abordagem sobre a história do jornalismo esportivo, incluindo o encontro entre telejornalismo e o esporte. No segundo capítulo será apresentada a história da participação da mulher no jornalismo esportivo, fundamentando-se em artigos científicos do tema em questão. No terceiro capítulo iremos abordar a história das Olimpíadas e realizar a análise da participação feminina em coberturas amplas. Pretende-se através de tabelas, ilustrar e classificar a partir dos critérios de noticiabilidade, a relevância de suas produções para o jornalismo esportivo.

2. BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DO ESPORTE

Neste primeiro capítulo, será abordado o surgimento do jornalismo esportivo. Para isso, iremos começar abordando de forma breve a origem e profissionalização da prática esportiva no mundo. De acordo com Tubino (2010, p. 21), acredita-se que o esporte surgiu como prática para sobrevivência humana.

Percebe-se que, na Antiguidade, as práticas esportivas eram muito diferentes das atuais; por isto as denominamos de Práticas Pré-esportivas, muitas de caráter utilitário para a própria sobrevivência das pessoas (natação, corrida, caça etc.) e também para as preparações para as guerras (marchas, caminhadas, esgrima, lutas etc.). (TUBINO, 2010, p. 21)

Esteves (2014) cita Lyra (1973) para dizer que o esporte tem origem na sociedade primitiva, com atividades a fim de exercitar o corpo para sobrevivência do ser humano.

Após transcenderem as circunstâncias de sobrevivência, as civilizações começaram a vivenciar as primeiras experiências do que futuramente se tornariam as atividades esportivas, como por exemplo, a esgrima, o arremesso e o remo, que já eram praticados pelos egípcios, desde 4.000 a.C. (ESTEVES, 2013, apud PEREIRA, 1980). Mais tarde, o esporte deixa de ser prática de sobrevivência para se tornar atividade profissional, o que chama a atenção da imprensa, principalmente, o futebol (DANTAS, 2015).

De acordo com a memória de Cordeiro e Boni (2005), acredita-se que apesar do futebol ser o esporte predominante no jornalismo esportivo, foi o hipismo a primeira modalidade a receber cobertura mais elaborada dos meios impressos, em meados do século XIX, na França, período em que possivelmente ocorreram os primeiros registros de diários esportivos. Até então, as notícias eram publicadas entre as notas gerais, não havendo uma segmentação especializada para o esporte.

Acredita-se, que foi em 1894 que surgiu aquele que até hoje é considerado o esporte mais popular no país, o futebol (SETYON, 2013).

Dentre todas as modalidades esportivas existentes, o futebol é o esporte coletivo mais praticado no mundo. Jogado por cerca de 200 milhões de pessoas em 191 países, é considerado o “esporte das multidões”. No Brasil é também o mais popular. Os brasileiros apreciam tanto este esporte, que é chamado de “paixão nacional”. (CORDEIRO e BONI, 2005, p. 145).

Quando escreveram essas palavras, Cordeiro e Boni mostraram a popularização que a modalidade esportiva ganhou no Brasil e no mundo. Apesar de

ser nomeada pelos brasileiros de “paixão nacional” (CORDEIRO e BONI, 2005, p. 145), a prática esportiva tem origem inglesa e, chegou ao Brasil em 1895, através do britânico Charles Miller.

Alexandrino (2011) acredita que o futebol ganhou ainda mais popularidade entre 1920 e 1930, período em que aconteceu a primeira disputa do Campeonato Carioca, precisamente no ano de 1923, foi a partir desse episódio que o esporte passou a atrair ainda mais a atenção dos brasileiros.

Após a popularização da modalidade, o esporte deixou de ser apenas uma prazerosa prática esportiva e se tornou produto econômico e político. Betti (1997) faz uma crítica ao dizer que o esporte contemporâneo está conectado aos meios de comunicação de massa, tendo perdido sua oriunda essência para fins governamentais e lucrativos.

2.1 O SURGIMENTO DO JORNALISMO ESPORTIVO

2.1.1 O Jornalismo Esportivo no mundo

A história do jornalismo esportivo não é muito antiga, possui pouco menos de 100 anos. Fonseca (1997, apud GONÇALVES e CAMARGO, 2005, p.07), considera que os primeiros registros existentes do jornalismo esportivo ocorreram em 1854, na França, como periódico *Le Sport*, que publicava crônicas sobre caça, canoagem e natação. Naquele período, a imprensa divulgava a técnica de cada esporte.

Para Alexandrino (2011), o primeiro diário da imprensa esportiva foi o inglês *Bell's Life*, que posteriormente foi chamado de *Sporting Life*. Nos Estados Unidos, o jornalismo passou a ganhar credibilidade início dos anos 1920. O hipismo foi a primeira modalidade esportiva que recebeu mais destaque na cobertura dos veículos impressos, conforme relata Alexandrino:

Somente em meados do século XIX, na França, houve melhora no modo de produção das notícias, pois as informações esportivas passaram a ser mais bem elaboradas e com mais conteúdo. O hipismo foi a primeira modalidade a divulgar dados completos sobre o esporte. Pode-se afirmar que o jornalismo esportivo surgiu junto com alguns esportes mais populares como o futebol, por exemplo, e consequentemente divulgados também por veículos com o mesmo perfil. (ALEXANDRINO, 2011, p. 15)

Acredita-se que o esporte começou a ter representação nas imprensas, porque naquele período, as pessoas da classe alta que tinham influência na

sociedade, começaram a se interessar pela prática esportiva, com isso sua imagem aparecia mais nas reportagens, enquanto o esporte era colocado em segundo plano.

Diferente do que vemos atualmente, onde ricos e pobres praticam qualquer esporte que optar, no século passado apenas os menos favorecidos socialmente e sem posses praticavam os esportes. O esporte era considerado um assunto sem importância pela sociedade e os ricos somente se envolviam em assuntos esportivos quando a burguesia patrocinava os eventos. (ALEXANDRINO, 2011, p. 14)

Camargo (1998) é citado por Alexandrino (2011), para explicar que, somente foi possível a prática esportiva para todas as classes sociais na França, através do aristocrata francês Barrão Pierre de Coubertin, que ressurgiu com a ideia dos Jogos Olímpicos no país. A partir disso, se tornou permitido praticar esporte por toda a sociedade, situação que não era vivenciada, visto que o esporte era considerado inferior. Com a expansão da prática esportiva, a editoria de esporte ganhou ainda mais difusão, visto a disseminação do público que se interessou pelos assuntos esportivos.

2.1.2 O Jornalismo Esportivo no Brasil

No Brasil, há relatos de que a história do jornalismo esportivo está relacionada ao surgimento e popularização do futebol no país, em meados do século XIX, visto que anteriormente do esporte se popularizar entre os brasileiros, a imprensa não dava destaque e credibilidade em publicações dos jornais impressos da época (ALEXANDRINO, 2011).

Para Coelho (2003), durante os primeiros anos em que a editoria esportiva começou a buscar sua popularização, uma parcela escassa da população acreditava que o futebol fosse se tornar assunto capaz de estampar manchetes jornalísticas. O autor reforça que na época, até mesmo o remo, que era o esporte mais praticado no início daquele século, não apresentava atributo para ganhar notoriedade na mídia. O objetivo da imprensa naquele período era publicar conteúdos relevantes que fossem atrair a atenção da elite.

A imprensa desse período se preocupava apenas em divulgar conteúdo jornalístico esportivo para a elite, pois esse público seletivo era o que praticava esporte e com isso as notícias sobre eventos esportivos muitas vezes tinha caráter social, parecido com o que temos hoje no jornalismo, as colunas sociais. Mesmo com a prática do remo, a imprensa publicava de maneira esporádica notícias de cunho esportivo. (ALEXANDRINO, 2011, p. 15)

De acordo com Bahia (1990), citado por Nathália Ely (2009), na mídia impressa, o jornal pioneiro que foi destinado para o segmento esportivo no Brasil foi O Atleta, no ano de 1856. Em suas publicações os assuntos abordados eram voltados para o aprimoramento físico dos moradores da cidade do Rio de Janeiro. Segundo Ribeiro (2007), em 1886, na cidade de São Paulo, começava a circular 'O Sport' e 'O Sportsman', que traziam conceitos sobre a atividade física.

Para Coelho (2003), o jornal 'Fanfulla', foi um dos primeiros que se dedicava ao esporte, criado em 1910 na cidade de São Paulo. O mesmo se destacou em relação aos outros, por não ser um periódico opinativo e nem destinado para a classe alta, porém, tinha um público-alvo bastante numeroso na capital paulista: os italianos.

Dessa forma, Coelho (2003) realça que o periódico 'Fanfulla' se sobressaiu ao noticiar o futebol de uma forma diferente, em tempos que a modalidade não tinha destaque entre a população. As publicações esportivas que estampavam as páginas do diário traziam informações completas sobre todos os jogos do time dos italianos, o Palestra Itália, que mais tarde viria a ser conhecido como o Palmeiras, além de trazer também relatos sobre as equipes do interior.

Para falar de jornalismo esportivo no Brasil, é preciso mencionar também Mario Rodrigues Filho, o jornalista e cronista brasileiro é considerado por muitos autores, uma das principais referências do jornalismo esportivo. "Os biógrafos de Mario Rodrigues Filho o apontam como uma das principais referências para o rompimento com o antigo modelo jornalístico que tratava dos esportes - escrita rebuscada, conteúdo frívolo e análise sob uma ótica elitista" (CASTRO, 1992 apud CAPRARO, 2011, p. 215).

Outro jornal considerado um dos pioneiros na segmentação esportiva foi o 'Jornal dos Sports', fundado pelos irmãos Mário Rodrigues Filho e Nelson Rodrigues, em 1930, no Rio de Janeiro. Além do destaque no futebol, o jornal carioca trazia também em suas publicações modalidades como boxe, basquete e vôlei. Alexandrino (2011) acredita que o 'Jornal dos Sports', tinha o intuito de desvendar a identidade cultural do país e, foi na Copa do Mundo de 1938, com a divulgação de todos os acontecimentos, que pela primeira vez, criou uma relação de patriotismo na população.

A identidade nacional foi correspondida em forma de patriotismo pela nação, que acompanhava as notícias do futebol com maior afinco através das crônicas esportivas de Mário Rodrigues Filho – fundador do Jornal dos Sports e Nelson Rodrigues, seu irmão caçula. As crônicas esportivas geravam fascínio nos leitores, pois os relatos sobre o futebol eram realizados através da emoção e paixão (ALEXANDRINO, 2011, p. 17).

Se em terras francesas apenas a classe baixa praticava esporte, no Brasil a situação foi inversa. “Na história do jornalismo esportivo brasileiro, apenas os ricos podiam praticar esportes e o futebol foi o esporte responsável por alavancar a cobertura esportiva no país” (ALEXANDRINO, 2011, p. 15).

Um aspecto muito importante mencionado por Cordeiro e Boni (2005) é que no país, foi preciso que houvesse interesse da elite, principalmente pelo futebol, e que os jornalistas e escritores mais respeitados abordassem o tema para que a imprensa começasse a dar importância para o esporte.

O futebol, desde sua associação com o rádio (na década de 40) e, principalmente, com a televisão na década de 50, popularizou-se no Brasil. Quando foi introduzido no país por Charles Miller, em 1895, era praticado somente pelas elites. Essa situação durou até meados da década de 30. Em 1933, houve a profissionalização do futebol e aos poucos, jogadores das classes sociais mais baixas começaram a ingressar nos clubes brasileiros. Mas sua popularização só ganhou força quando as partidas começaram a ser transmitidas pelo rádio e, mais tarde, pela televisão. (CORDEIRO e BONI, 2005, p. 146)

Alexandrino (2011) concorda que o esporte brasileiro, era praticado apenas pelos ricos e, foi o futebol, o responsável por alavancar a cobertura esportiva no país quando se popularizou entre todas as classes sociais.

Mesmo com a prática do remo, a imprensa publicava de maneira esporádica notícias de cunho esportivo. Entre as décadas de 1920 e 1930, o futebol ganhou notoriedade após a disputa do primeiro Campeonato Carioca em 1923, junto a esse acontecimento ocorreu à profissionalização do esporte. (ALEXANDRINO, 2011, p. 15)

Com isso, os jornalistas perceberam que o futebol passou a ter um valor que se comparava ao da política e começaram a abrir espaço próprio na imprensa. Cordeiro e Boni (2005) concordam com Fonseca (1997) ao dizer que, o futebol, foi o propulsor para o surgimento dessa segmentação no jornalismo, especialmente depois do aparecimento da televisão.

2.2O telejornalismo e o esporte se encontram

Após a difusão do esporte na imprensa e no rádio, era necessário atingir também a televisão. O telejornalismo, como relatado por Bravo (2009) surgiu em 1939, nos Estados Unidos e, apesar de anteriormente serem apenas imagens ou fotos ilustrando as notícias, o telerreceptor não demorou a se desenvolver.

Com a expansão da televisão no país, o jornalismo esportivo não demorou muito para se inserir neste novo veículo de comunicação. Betti (1997) relata que em 1948 ocorreu a primeira transmissão ao vivo de um evento esportivo, através da BBC, os Jogos Olímpicos de Londres.

No Brasil, a primeira emissora de televisão foi a TV Tupi, na década de 1950, através de Assis Chateaubriand. Alexandrino (2011) reconhece que mesmo a TV Tupi tendo realizado suas primeiras atividades em 18 de setembro de 1950, no estado de São Paulo, nos anos anteriores, a televisão e já era anunciada no mundo.

Os registros que se encontram do primeiro telejornal produzido pela emissora Tupi foi o “Imagens do Dia”, que apresentava características de rádio, visto que naquele período, não existia um modo de como fazer o jornalismo televisivo (ALEXANDRINO, 2011, p. 26).

Sabe-se que a televisão foi um grande atrativo para os brasileiros, sendo assim, os telejornais exibidos tinham destaque na programação das emissoras. O rádio superava a televisão devido à rapidez da notícia. Vale lembrar que naquele período, devido ao preço exorbitante, os televisores eram produtos restritos a burguesia, por essa razão, as críticas realizadas aos telejornais eram limitadas.

Com o início das atividades da televisão, poucos brasileiros tinham acesso ao veículo de comunicação que contava com a utilização da imagem como aliado para apresentar as informações e também entreter a população. O aparelho de televisão possuía um valor muito alto, equivalente ao preço de um automóvel da época e assim pouco acessível aos brasileiros. (ALEXANDRINO, 2011, p. 26)

Quando o patrocinador do ‘Repórter Esso’ passa a apoiar o jornal junto com a agência norte-americana United Press Internacional, esse cenário televisivo começa a mudar (MELLO, 2009). Foi a partir disso que as matérias deixaram as características de rádio e passaram a obter um formato mais ilustrativo, o que aumentou a representatividade da televisão aos telespectadores.

No início de sua história, a linguagem do telejornal era mais próxima à do rádio. As frases eram longas e traziam muitos detalhes sobre os assuntos enfocados. Na transmissão da notícia, o locutor passava os acontecimentos como eles ocorriam e dava ao conteúdo todos os detalhes e adjetivos possíveis. Por esse quadro, o programa de maior sucesso da década de 1950 o “Repórter Esso” se transformou num grande sucesso na TV. (MELLO, 2009, p. 2)

De acordo com Ribeiro (2007), com a inauguração da TV Tupi, aconteceu a primeira transmissão televisiva de uma partida de futebol, entre São Paulo e Palmeiras. Com isso, a televisão ia se fortificando no Brasil e, aos poucos, muitos ouvintes de rádio começaram a migrar, dando a ela grande audiência. Esse fato incentivou outras emissoras do país, que incluíram em suas grades programas que abordavam o tema esportivo, como por exemplo, a Mesa Redonda, que iniciou em 1954, na TV Record (ALEXANDRINO, 2011, p. 19).

Alexandrino (2011) acredita que foi a partir do primeiro título mundial conquistado pela Seleção Brasileira, em 1958, que o jornalismo esportivo se estabeleceu como cobertura jornalística de forma definitiva, no entanto, devido à ausência de recurso, as publicações não tinham uma linguagem definida para inteirar o público interessado acerca dos acontecimentos esportivos.

Durante um bom tempo, a TV Tupi era a única emissora televisiva, ficando com todos os monopólios de audiência. Na década de 1960, momento em que Brasília se torna a capital, a TV Excelsior e TV Record chegam à televisão brasileira trazendo um formato mais dinâmico, se desprendendo das antigas características radiofônicas e, atraindo um maior público telespectador. Essa declaração pode ser ratificada de acordo com Marcondes Filho, “Foi nessa época que aconteceu a afirmação e a consolidação da televisão no país como um meio de comunicação para grandes massas” (MARCONDES FILHO, 1994 apud, BRAVO, 2009, p.22).

Mesmo com a grande repercussão que a televisão obteve, não era toda a população da época que tinha acesso ao aparelho. Tal condição foi consequência do alto valor do aparelho no início das atividades da televisão, poucos brasileiros tinham acesso ao produto televisivo, visto que apenas cidadãos da classe alta tinham condições financeiras de obter em suas casas. Alexandrino (2011) reforça esta afirmação ao aceitar que:

Com o início das atividades da televisão, poucos brasileiros tinham acesso ao veículo de comunicação que contava com a utilização da imagem como aliado para apresentar as informações e também entreter a população. O aparelho de televisão possuía um valor muito alto, equivalente ao preço de

um automóvel da época e assim pouco acessível aos brasileiros (ALEXANDRINO, 2011, p. 26).

Segundo Alexandrino (2011), em 1951, a TV Tupi do Rio de Janeiro começou a produzir os seus próprios equipamentos, o que passou a diminuir o valor dos televisores, assim o preço que antes era maior, devido à necessidade da exportação dos Estados Unidos, diminuiu e se tornou mais acessível para a população. "Em um curto espaço de tempo, o Brasil já era o quarto país com o maior número de televisores em todo o mundo" (ALEXANDRINO, 2011. P.27).

Para Betti (1997), foi a partir da década de 1960 que a imagem do esporte mudou, resultante da disseminação da televisão que passou a transmitir as competições esportivas ao vivo, tornando o telespectador, uma figura fundamental para a história do esporte.

O esporte transformou-se num espetáculo modelado de forma a ser consumido por telespectadores que procuram um entretenimento excitante, e é parte cada vez maior da indústria do lazer, sendo fator decisivo para isto o papel desempenhado pela mídia, especialmente a televisão. (BETTI, 1997, p. 33)

Para Betti (1997, apud Bravo, 2009, p. 26) os meios de comunicação foram os responsáveis por modificarem a perspectiva dos telespectadores em relação ao esporte. O autor ainda afirma que o esporte se tornou fonte de audiência para os veículos midiáticos.

Em 1965, a TV Globo chegou ao Brasil a pedido da Rádio Globo para a abertura de um canal de televisão e não demorou muito para que alcançasse o status de liderança absoluta na audiência do país. De acordo com Brittos e Bolaños (2005), foi no decorrer dos anos 1970 que o mercado televisivo brasileiro se prepondera sob o comando da TV Globo.

A Globo teve a felicidade histórica de capitanear a indústria no seu período áureo, com todo o apoio que o Estado brasileiro pôde lhe oferecer, acabando por constituir barreiras à entrada sólidas, especialmente se comparadas com as de suas concorrentes mais antigas, que se mostraram completamente incapazes de fazer frente ao seu ingresso avassalador (BRITTOS e BOLAÑOS, 2005, p. 23).

De acordo com Bravo (2009), a televisão e os telejornais passaram por uma evolução, que consolidou o telejornalismo, interrompendo a era da improvisação e diligências e dando um novo formato a TV brasileira.

"O telejornalismo sofreu sensíveis mudanças, sempre na direção de um impacto maior, de efeitos visuais e sonoros mais claros e da combinação de uma série de signos, de tal maneira a causar uma grande fascinação diante do público..." (MARCONDES FILHO, 1994, apud, BRAVO, 2009, p. 23).

Baggio (2012) relata que na televisão brasileira, o jornalismo esportivo possui um espaço significativo quando comparado a outros campos de conhecimento e, faz referência a Cashmore (1998) para dizer que a junção da televisão com o esporte compara-se a um “casamento feito nos céus”.

O telejornalismo esportivo está cada vez mais presente na sociedade, sendo destaque em diferentes formatos, como em telejornais esportivos, mesa-redonda, entrevistas, debates e também em telejornais diários. O esporte passou ocupar a imprensa de modo geral (BAGGIO, 2012, p. 20).

Antes disso, porém, Betti (1997), recorda que essa junção entre a TV e o esporte teve um início conflituoso, isso porque a televisão foi responsável por mudar a audiência do esporte, através de suas transmissões esportivas, o que inicialmente, causou rivalidade entre televisão e esporte, pois os dirigentes esportivos temiam que, por conta disso, a transmissão ao vivo fosse roubar o público pagante dos estádios. Contudo, o temor logo desapareceu.

Mas o tempo logo revelou-se desnecessário, e com o aparecimento do sistema de satélites para transmissões a longa distância, ao vivo, a partir dos anos 60, esporte e televisão passaram a partilhar de uma “relação simbiótica”, o que significa que ele apoiam-se mutuamente, e dependem um do outro, especialmente no plano econômico (BETTI, 1997, p. 35).

Betti (1997, p. 35) relata, que “o dinheiro injetado pela televisão no sistema esportivo, por patrocinadores, foi fator decisivo para o incremento do profissionalismo no esporte”. Desde então, o jornalismo esportivo se tornou um aliado para a audiência televisiva, enquanto a televisão movimentou o setor econômico para o meio esportivo.

Outro marco com grande influência do esporte na história da televisão foi a chegada da TV a cabo. A Pay-TV, ou TV a cabo, tem um início curioso. Acredita-se que um grupo de vendedores norte-americanos teve a idéia de uma façanha incrível para aumentarem suas vendas.

De acordo com Paternostro (2006), cidades menores da Pênsilvânia e do Oregon eram montanhosas, o que as impedia de receber uma boa imagem de TV, não atraindo compradores. Para resolver esse problema, os vendedores começaram a instalar no ponto mais alto da cidade, antenas que captavam um bom sinal, ao ligar um cabo da antena direto aos televisores, a imagem ficava excelente.

Rosseto (2004) relata que no Brasil, a TV a Cabo chegou em 1958, na cidade de Petrópolis, com a pretensão de tornar melhor a recepção do sinal de TV, visto

que em decorrência da região ser montanhosa, o sinal não chegava com qualidade até as casas da população.

De acordo com a autora, em 1971 a TV por assinatura ganhou mais força. Foi neste ano que alguns edifícios no Rio de Janeiro começaram a utilizar a Televisão por cabos Ltda. (TVC), primeira distribuidora de sinais pagante, subsidiária da TV Globo.

Em meados da década de 1970, os satélites de comunicação ganharam cada vez mais tecnologia, logo, os sistemas que eram regionais se ampliaram. Com isso, o público passou a ter acesso a programações especializadas, canais com ampla diversidade de assuntos. Através da tecnologia, a distribuição de canais se desenvolveu, e os conteúdos tomavam seus próprios rumos, caminhando para a segmentação (PATERNSTRO, 2006).

Os sistemas de transmissão de sinais conjugavam duas tecnologias: satélite e cabo. Os telespectadores recebiam uma programação especial e pagavam por isso e ainda podiam receber em casa quantos canais desejassem. Assim, entrava na vida dos telespectadores norte-americanos uma nova forma de assistir a TV, tendo como origem a tecnologia de distribuição, mas mudando a história da televisão. Surgia a Pay-TV, a TV por assinatura (PATERNSTRO, 2006, p. 39).

Em 1974, a Universidade Federal do Rio Grande Sul (UFRGS) realizou um estudo sobre a evolução da tecnologia das transmissões e apresentou um projeto de montagem da TV segmentada, que foi negado pelo Ministério das Comunicações (Minicom), os mesmos alegaram que já haviam recebido outras propostas de grupos fechados (ROSSETO, 2004).

Rosseto (2004) lembra que, após o ocorrido, foi averiguado que o governo tinha como objetivo instalar o serviço na quietude, para que não houvesse concorrência, contudo, a experiência foi negada em 1975, pela Associação de Promoção da Cultura, que denunciou o projeto secreto para o Minicom.

Acredita-se que somente em 1986 a primeira operadora de TV por assinatura regular foi instalada, na cidade de Presidente Prudente, em São Paulo (ROSSETO, 2004).

Segundo a autora, este período teve uma vagarosa expansão no novo mercado de televisão por assinatura. No ano de 1988, a primeira programadora de TV paga chega ao Brasil, trata-se da Key TV, que exibia corridas de cavalos para

seus primeiros dez assinantes. Para Rosseto (2004) esta é considerada como a primeira TV paga brasileira por diversos autores.

Já em 1989, foi inaugurada a primeira operadora em UHF3, o Canal+, que a princípio, retransmitia o canal esportivo ESPN Internacional, este logo se expandiu e no final de 1990, transferiu seu controle para o Grupo Abril. Um ano mais tarde, em 1991, inaugurou-se a TVA, transmitida via MMDS.

Conforme relata Rosseto (2004), um erro cometido pelas Organizações Globo marcou os primeiros anos da TV a cabo no Brasil.

Com a Globosat ela desempenhava o papel de programadora e operadora, erro que resultou em dispersão e perda de esforços. Além desse deslize a empresa também errou ao apostar no mercado de satélite enquanto a tecnologia da época era o Distv. Esses equívocos só foram corrigidos em 92, quando a Globosat se tornou apenas programadora. No entanto, cabe lembrar que essa trajetória atrapalhada também foi seguida pelo maior concorrente do grupo no segmento, a TVA (ROSSETO, 2004, p. 30).

Para Schmalter (2010) a história do canais esportivos na TV por assinatura começou neste mesmo ano, com a veiculação da Globosat, empresa das Organizações Globo, e a TVA. De acordo com o autor, as duas, a princípio, investiam somente em canais esportivos, por conta disso, diz-se que os canais esportivos tiveram seu início junto com a televisão por assinatura.

Segundo o autor, o canal Top Sport, da Globosat, foi ao ar em 11 de novembro de 1991 e, foi o primeiro a se dedicar totalmente aos esportes no Brasil. Em 1994, o Top Sport passou a ser conhecido como o SporTV. O TVA Esportes, foi fundado em 1993, e dois anos mais tarde, alterou seu nome para ESPN Brasil.

Em 2019, o país conta com uma grande quantidade de canais fechados, inclusive na área esportiva. Acredita-se que, com o crescimento de canais por assinatura, o campo de trabalho para o jornalista também teve um crescimento, visto que novas vagas de trabalho surgiram com a chegada de novos canais.

Um acontecimento significativo na trajetória dos canais ocorreu em 2003, momento no qual a direção do SporTV foi assumida pelo departamento de esportes da Rede Globo. Com isso, alguns profissionais deixaram a o canal fechado, e muitos da Globo entraram na equipe da SporTV (SCHMALTER, 2010).

Ainda em 2003, a Globosat lançou o SporTV 2, que apenas reprisava a programação do SporTV com um atraso de seis horas. Somente dois anos mais tarde, em 2005, o SporTV 2 passaria a ter sua programação própria,

com programas e eventos ao vivo. Faz parte desta expansão também a criação, em novembro de 2007, do canal SporTV HD, versão do canal transmitida em alta definição (SCHMALTER, 2010, p. 2013).

Com base nos fundamentos do autor, acredita-se quem em 2006 a ESPN Brasil passou a fazer programação própria em outro canal, e parte de sua programação na central internacional passou a ser produzido por profissionais brasileiros. Futuramente, esses programas passaram a ser exibidos somente na ESPN.

2.3 O jornalismo online

Para Pinho (2003), a origem da conectividade ocorreu em 1957, no contexto da Guerra Fria. Segundo o autor, o primeiro satélite espacial foi colocado em órbita pela antiga União Soviética, o *Sputnik*, quatro meses depois, a criação da Advanced Research Projects Agency (ARPA) foi anunciada pelo presidente norte-americano Dwight Eisenhower, com o objetivo de realizar pesquisas e desenvolver alta-tecnologia para aplicações militares (PINHO, 2003, p 21).

A ARPA (Advanced Research and Projects Agency) uma organização de defesa norte americana foi responsável pela criação da Arpanet, através dessa rede, foi possível estabelecer a conexão entre as bases militares durante a guerra. Essa conexão acontecia de forma descentralizada como método de segurança, ou seja, cada computador detinha uma parte de informação, para que assim, se houvesse um ataque ao sistema, não seriam perdidos todos os arquivos de uma vez (NASCIMENTO, 2004).

Pinho (2003) acredita que em 1962, Joseph entrou no comando da liderança de pesquisas desenvolvidas pela ARPA, com a missão de aperfeiçoar o uso militar juntamente a tecnologia. A internet, de fato, teve início em meados da década de 1990, mais precisamente em 1969, momento em que ocorreu a fase experimental da Arpanet.

Segundo Pinho (2003):

A primeira demonstração pública da ARPANET é realizada na cidade de Washington, durante a I Conferência sobre Comunicações Computacionais, conectando 40 máquinas e o Terminal Interface Processor (TIP) (PINHO, 2003, p. 25).

Anos mais tarde, em 1983, a ARPAnet se libertou de suas origens militares e se dividiu, na Milnet, que era utilizada para fins militares e na ARPAnet, a rede utilizada para pesquisas, que progressivamente veio a ser conhecida como a Internet (PINHO, 2003, p. 28).

Aos poucos, a internet foi ganhando cada vez mais espaço no jornalismo, da mesma forma que outras empresas e também a população tiveram que se adaptar ao novo cenário digital. De acordo com Roberta Steganha (2010), mesmo com toda a tecnologia trazida pelo sistema online, o jornalismo permaneceu com sua particularidade.

É necessário apurar o fato, confrontar diferentes fontes, captar imagens intrigantes e reveladoras, entregar o material o mais rapidamente para compor o fechamento, mas as ferramentas utilizadas para construir e apurar a notícia mudaram, e isso não foi só para o jornalismo online, mas sim para todos os tipos de jornalismo (STEGANHA, 2010, p. 13).

A partir da transição do jornalismo impresso para o jornalismo online, as máquinas antigas foram trocadas por computadores, tornando assim, o processo de apuração de notícia mais desenvolvido e barato. Conseguir informações em tempo real de qualquer canto do mundo se tornou possível com apenas um clique, basta utilizar qualquer uma das inúmeras redes sociais disponíveis na rede para receber rapidamente diversas informações (STEGANHA, 2010).

Retomando os conceitos de Pinho (2003), acredita-se que a Internet cresce de forma contínua, sendo considerado o meio de comunicação que possui o menor período de aceitação entre a descoberta e a sua mais concreta disseminação.

Tabela 1: Período de aceitação dos meios de comunicação

Meio de Comunicação	Tempo de aceitação	Datas
Imprensa	400 anos	1454 – Século XIX
Telefone	70 anos	1876 – Período posterior à Segunda Guerra Mundial
Rádio	40 anos	1895 – Período entre as duas guerras mundiais
Televisão	25 anos	1925 – 1950
Internet	7 anos	1990 – 1997

Fonte: Pinho (2003, p. 38)

Com base nos estudos de Pinho (2003), verifica-se a velocidade na qual a internet se propagou entre a população, se tornando o meio de comunicação mais abrangente.

3. A MULHER PROFISSIONAL

Este capítulo irá abordar a história de como ocorreu a inclusão da mulher no mercado de trabalho, inicialmente comandado por homens. Acredita-se que a inclusão da mulher no mercado de trabalho foi tardia. Santos e Temer (2014) sustentam este argumento ao dizerem que o caminho da luta feminina teve início no século XIX, quando as mulheres tiveram sua primeira conquista, o direito ao voto feminino e, no âmbito das guerras mundiais, ocorreu a inserção feminina no mercado de trabalho.

A discussão que envolve a desigualdade dos gêneros na sociedade é histórica. Essa afirmação pode ser corroborada com base no conceito de Luz (2015), a autora sugere que a demora da inserção da mulher no mercado de trabalho tem relação com a histórica aceitação masculina.

A demora na aceitação das conquistas das mulheres no mercado de trabalho foi alimentada, principalmente, pela resistência de aceitação masculina. Entretanto, é preciso considerar outros fatores, como o preconceito que a própria mulher tinha do trabalho. Durante algum tempo, o emprego por parte delas era vinculado diretamente à liberação sexual (LUZ, 2015, p. 43).

Conforme a autora relata, ainda que essa liberação sexual tenha sido aceita com o passar dos anos e valorizado o trabalho da mulher, a hierarquia de gênero, sendo o homem considerado superior a mulher, permanecia na sociedade. O gênero feminino perdurou longe de cargos importantes e da vida política.

Bravo (2009) admite que a mulher, quando mencionada, é designada como quem possui sexo frágil, é sensível e fraca. A partir desse conceito, a sociedade legitimou durante anos que a mulher deve ser inferiorizada à vida doméstica e familiar. Foi a partir do momento que a sociedade passou por uma evolução cultural que o cenário feminino começou a mudar. A mulher, aos poucos, se inseriu na vida pública e passou a ocupar papéis antes de domínio masculino (BRAVO, 2009, p. 08).

O ingresso da mulher no mercado de trabalho ocorreu entre 1770 e 1830, em meio à Revolução Industrial. Foi a partir desse momento que o gênero feminino deixou de ser considerado o sexo frágil e passou a se tornar uma força de trabalho. “A produção nas fábricas tirou as mulheres da vida doméstica e levou-as para a operária.” (BRAVO, 2009, p. 11)

Mesmo tendo conquistado espaço no ambiente profissional e lutar diariamente para obter ainda mais conquistas neste meio, as mulheres não são valorizadas e vistas com a mesma igualdade quando comparada aos homens.

Luz (2015) julga importante ressaltar que, a diferença salarial é um dos fatores desfavoráveis que implicam nessa diferença.

A distribuição de trabalho entre os sexos está muito ligada à técnica. Enquanto os homens estão voltados para a parte funcional, as mulheres são encaminhadas para os espaços relacionais. A definição e o reconhecimento da qualificação profissional estão relacionados ao exercício de responsabilidades e poder profissional e, portanto, as carreiras mais promissoras são destinadas aos homens (LUZ, 2015, p. 44).

Em conformidade com a autora citada, é notável que o preconceito ainda possui grande influência quando se trata da posição profissional.

3.1 A mulher jornalista

O processo de inclusão da mulher no mercado de trabalho teve maior visibilidade em algumas profissões, e o jornalismo está entre elas (SANTOS E TEMER, 2014). As autoras sustentam este argumento apresentando uma pesquisa realizada pela FENAJ, em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina, que mostra a porcentagem de 63% de mulheres atuantes na profissão no ano de 2018, percentual que era de apenas 40% na década de 1980.

Rocha (2004) apud Santos e Temer (2014) afirmam que, no Brasil, houve um crescimento de mulheres em cursos superiores e na profissionalização em jornalismo, fator que certamente favoreceu a entrada de mulheres na profissão.

Seja no rádio, na televisão ou no impresso, elas lutaram pelo seu espaço e algumas trabalham em mais de um veículo, porém, se apoiando no conceito de Luz (2015), a televisão ainda é o veículo que possui mais jornalistas, embora sua inserção neste meio de comunicação tenha ocorrido mais tarde.

A história da inclusão da mulher no jornalismo não foi fácil. Em 2019, a relação de gênero ainda tem influência no mercado de trabalho jornalístico, o que dificulta a inserção da mulher em determinadas áreas, principalmente no esporte.

O preconceito de gênero ainda é uma questão séria que, durante muitos anos está presente na sociedade e, até mesmo em ambientes de trabalho. Ainda que a mulher tenha alcançado direitos imprescindíveis no século XX e a igualdade entre os

sexos encontra-se proclamada na constituição brasileira, o gênero feminino não é inserido na sociedade de forma plena, devido aos princípios e valores machistas que são exercidos pela cidadania. Esse tema se torna ainda mais comum quando se trata das profissionais da área jornalística. Isto porque o preconceito envolve também questões morais, é o que afirma Temer e Santos (2014) em sua obra “Mulheres no Jornalismo: Práticas profissionais e emancipação social.”

A questão toma maior fôlego quando envolve mulheres jornalistas que, apesar de serem maioria na profissão, continuam sendo minoria no sentido sociológico, subjugadas pelos privilégios conferidos aos homens. A discriminação sofrida pelas mulheres no trabalho jornalístico também envolve aspectos éticos (TEMER e SANTOS, 2014, p. 15).

De acordo com as autoras, esse discernimento que afeta o sexo feminino no jornalismo não está limitado apenas à diferenciação no salário ou dificuldade em ocupar cargos mais cobiçados, diferentemente do que relatou Luz (2015) no trecho citado anteriormente ao explicar de forma geral a situação das mulheres no mercado de trabalho.

Temer e Santos (2014) apresentam em seus apontamentos um levantamento do Coletivo Feminista do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal 2016 (SPJDF), para reforçar que, “as jornalistas sofrem assédio moral e sexual, tanto por parte de chefes, colegas, quanto de entrevistados e muitas vezes são preteridas na distribuição de pautas” (TEMER e SANTOS, 2014, p. 15).

Alexandrino (2011) concorda que foi no fim do século XIX que a mulher se incluiu na imprensa brasileira, com a divulgação de suas conquistas elas tentavam apagar o estereótipo de que mulher é apenas mãe e dona de casa, o que anteriormente era considerado normal.

Segundo Righi (2006) apud. Alexandrino (2011), no início, as mulheres eram consideradas mão-de-obra barata no mercado, seu profissionalismo não era valorizado. Elas lutavam pelos seus direitos e ao mesmo tempo se protegiam dos insultos da sociedade.

A mulher jornalista do final do século XIX buscava o fim de estereótipos, isso justifica porque os periódicos que surgiram nesse período continham excesso de feminismo. Essa utilização excessiva do feminismo era forma para propagar a luta feminina pela entrada no mercado de trabalho e na sociedade como agente ativo. A imprensa escrita abriu espaço para idéias femininas com a propagação dos periódicos femininos a visão de dona de casa, esposa, mãe e mulher submissa ao marido começavam a ser modificadas (ALEXANDRINO, 2011, p. 33).

O primeiro jornal destinado para mulheres foi 'O Crepúsculo', que surgiu na cidade de Florianópolis-SC, em 1852. O jornal encorajava o trabalho feminino na imprensa e também a produção literária (ALEXANDRINO, 2011).

Luz (2015) ressalta que, uma das primeiras mulheres que se destacaram no jornalismo brasileiro foi a professora Francisca da Motta Diniz, que lançou em 1873 o jornal 'O Sexo Feminino', em Minas Gerais. O boletim era destinado a demonstrar a luta pela educação, conhecimento e independência da mulher. Ainda de acordo com a autora, em 1932, surgiu em São Paulo o 'Reacção', o jornal discutia questões sociais, abrindo espaço para a mulher na imprensa, contudo, poucas mulheres se arriscaram na profissão, por isso poucas publicações estruturadas por mulheres apareciam no mercado.

Para Alexandrino (2011), o marco da ascensão das mulheres no campo jornalístico aconteceu em meados de 1970, pois foi nessa década que o movimento pela igualdade de gênero começou a apresentar os primeiros resultados. O público leitor passou por uma mudança e as mulheres, de modo geral, passaram a adquirir maior nível de escolaridade, se interessando por assuntos diversos, entre eles, o esporte (ALEXANDRINO, 2011).

Luz (2015) constata a afirmação da autora:

Até a década de 1960, o Jornalismo era considerado um campo de trabalho impróprio para elas. As que estavam no mercado atuavam em setores da profissão considerados inferiores, nos bastidores, onde não recebiam destaque (LUZ, 2015, p. 45).

Luz (2015) relata que foi a partir da década de 1970, as mulheres começaram a obter mais espaço na imprensa brasileira, isso devido à regulamentação da profissão, em 1969, e logo após, o advento de diversas faculdades com formação em jornalismo.

Ainda de acordo com a autora, foi através dos veículos de comunicação que lutavam contra a sociedade machista e conservadora, que foi possível a divulgação das mulheres pelos seus ideais, o que auxiliou outras mulheres a se juntar na luta pelos seus direitos.

No ano de 1981, surgiu 'O Mulherio', folhetim que apresentava como propósito, a união de grupos femininos em todo o país e fazia divulgações sobre

assuntos de mulheres, o jornal teve o apoio da Fundação Carlos Chagas, mas ainda assim não atingiu o público desejado (LUZ, 2015).

De acordo com a autora, apesar do preconceito vivido por essas mulheres para se inserir na profissão, hoje muitas delas atuam não somente na TV, ou no rádio, mas possuem conhecimento e capacitação para atuarem nos dois veículos.

Para Anderson Scardoelli (2019), editor responsável do portal Comunique-se, apesar das mulheres serem maioria na sociedade brasileira, na profissão jornalística o cenário é diferente. Para o jornalista, levando em conta a dimensão de mulheres que trabalham nos meios de comunicação, rádio e televisão são divergentes. Apenas na mídia televisiva o sexo feminino constitui a maior parte das áreas de trabalho, 4.040 contra 4.007 homens. Já no rádio, o quadro é o inverso, apenas 2.284 mulheres, enquanto há 11.182 profissionais do sexo masculino, lembrando que a relação é referente somente a cargos relativos a funções jornalísticas. Fundamentando-se em Luz (2015), a historicidade da mulher no radiojornalismo não é muito antiga. Desde a chegada do rádio no Brasil, a participação das mulheres foi fundamental em dois gêneros que manteve êxito durante muito tempo, o radioteatro e a radionovela.

Ainda com base no autor, pode-se destacar outro veículo de comunicação que conta com uma grande porcentagem de profissionais na área jornalística e favorece a empregabilidade feminina, o meio online. Neste campo, 42,46% são mulheres. Contudo, o veículo que mais se aproxima da TV em relação à contratação de mulheres é o impresso, principalmente as revistas. De acordo com o jornalista, 46,48% dos 3.366 jornalistas são mulheres, 1.631 contra 1.736 homens. E para finalizar, o jornal possui uma porcentagem de 38,58% mulheres jornalistas.

Conferindo todos os veículos de comunicação e sua empregabilidade na área jornalística, a somatória de cargos femininos transcende a marca de 15.564. Este episódio verifica-se devido ao fato de haver jornalistas com mais de um emprego na mídia, ou seja, atuando em mais de um veículo de comunicação. (SCARDOELLI, 2019)

Um exemplo mencionado pelo jornalista em seu artigo é o caso da jornalista Miriam Leitão, que colabora com quatro veículos condicionados ao Grupo Globo.

Comentarista, apresentadora, responsável pelo boletim diário veiculado na rádio CBN além de manter coluna, impressa e online.

A partir do cenário apresentado por Anderson Scardoelli, percebe-se que as mulheres jornalistas conquistaram diversas áreas no jornalismo. Porém, mesmo que as mulheres tenham ganhando espaço nos veículos de comunicação, ainda há obstáculos a serem ultrapassados, principalmente, na área esportiva. A mulher-jornalista era representada pela imagem de mãe, esposa e responsável pelo lar, na contemporaneidade, elas passam a buscar espaço no mercado de trabalho. Contudo, no jornalismo esportivo, a caminho é ainda mais complexo.

3.2 Desigualdade de gênero: mulher e esporte

Por longos anos, a mulher precisou buscar seu espaço na sociedade para se profissionalizar, depois de lutar para conquistar seu direito como cidadã, foi preciso também conquistar espaço no esporte, tendo que enfrentar o machismo perante a sociedade (ALEXANDRINO, 2011)

A figura feminina durante muitos anos foi vista com desprezo pela sociedade, enquanto aos homens era garantida direito de trabalho, voto e prática de esportes, a mulher tinha a sua imagem associada como dona de casa, sendo considerada útil apenas para a procriação (ALEXANDRINO, 2011, p. 34).

A autora menciona que a prática esportiva fora inicialmente restrita aos homens, visto que a mulher era julgada por não ter condições de praticar esporte, portanto, sua participação qualquer tipo de esporte não acontecia.

Nota-se que a mulher precisou buscar espaço no esporte desde o início e sua conquista no meio esportivo foi lenta, tendo em vista que mesmo com o avanço, o estereótipo de sexo frágil ainda lhe era imposto, prejudicando sua entrada em atividades esportivas. Para Bravo (2009), no início do século XX, mulheres que praticavam esportes eram vistas com desrespeito pela sociedade.

Visto a relação mulher x esporte, acredita-se que sua inclusão na área esportiva do jornalismo também tenha sido contestada. Com base nas referências utilizadas para a realização deste trabalho, percebe-se que na profissão, até meados de século XVII a supremacia era masculina. Assim como as profissões no geral, a mulher tinha dificuldade para se destacar e ser respeitada quando se tratava da área

esportiva. Todavia, com o passar dos anos, esse contexto foi se alterando. Alexandrino (2011) reforça que o espaço buscado pela mulher no jornalismo esportivo aconteceu de forma lenta, e ainda assim, a cobertura realizada por elas é julgada com dúvidas e preconceitos. Visto isso, considera-se significativo compreender como ocorreu a inserção das mulheres no jornalismo esportivo e se existe representatividade relevante das mesmas.

Para Dantas (2016), julga-se importante ressaltar que em 1940, uma jornalista ganhava destaque em meio ao universo masculino que integrava a imprensa esportiva, trata-se da jornalista e educadora física, Maria Helena Rangel, formada pela faculdade Cásper Líbero, na década de 1940 e convidada a escrever na Gazeta Esportiva em 1947 (DANTAS, 2016).

Maria Helena fez inúmeras viagens como jornalista, para cobrir campeonatos de vôlei e basquete. Seu registro profissional data de 1º de janeiro de 1948 e exerceu a profissão por cinco, seis anos. Faleceu no ano de 2000, em decorrência de um Acidente Vascular Cerebral (DANTAS, 2016, p. 37).

Apesar dos registros de Maria Helena Rangel, na editoria esportiva, raramente via-se uma mulher em atuação. Mota (2013 apud DANTAS, 2016, p. 34) lembra que foi na década de 1970 que as mulheres começaram a aparecer e a ganhar mais espaço no jornalismo esportivo, isso porque elas começaram a praticar futebol, levando os conservadores da época a questionar seu rendimento no esporte.

A autora relembra que nos anos de 1896, a mulher não podia nem mesmo assistir a Jogos Olímpicos de Atenas, tão pouco participar, o que exemplifica o domínio dos homens em relação às mulheres no ambiente esportivo naquela época. “O interesse dos homens pelo esporte em relação às mulheres ainda é maior, e isso reflete no número de jornalistas esportivos nas redações” (DANTAS, 2016, p. 34).

Para Bravo (2009) a inclusão da mulher aconteceu gradualmente, “se a inserção feminina foi difícil no ramo jornalístico em geral, na específica área do jornalismo esportivo foi mais ainda” (BRAVO, 2009, p. 08).

Para a autora, na década 1970 o esporte ainda era considerado um universo masculino, e por conta disso, se estabeleceu um preconceito frente a este tema, a mulher até então não entendia do assunto, e mesmo tendo conquistado espaço no esporte, dificilmente era enviada para cobrir editoria esportiva (BRAVO, 2009, p. 08).

Para Siqueira (2005 apud BRAVO, 2009) entre 1970 e 1980 nos Estados Unidos, as mulheres jornalistas ocuparam cargos de apresentadoras, repórteres e até comentaristas de esportes como golfe, tênis, basquete, entre outros. Em contrapartida, esse não era o fim do preconceito sofrido por elas.

Se baseando em Coelho (2004), no radiojornalismo, a presença das mulheres aconteceu em 1971, na Rádio Mulher da cidade de São Paulo, com a primeira equipe a cobrir eventos esportivos. A narração era feita por Claudete Troiano, acompanhada pelos comentários de Leilah Silveira. Jurema Iara e Gemana Garili eram as responsáveis pelas reportagens, sendo essa última, tendo iniciado sua carreira no jornalismo esportivo em 1960.

3.3 A mulher no telejornalismo esportivo

No telejornalismo, Dantas (2016) relata que a primeira jornalista a integrar a editoria de esportes foi Isabela Scalabrini, na Rede Globo, contratada como repórter em 1980, integrou a equipe do Globo Esporte. Começou na área de apuração e seguiu para o Departamento de Esportes seis meses depois, onde fazia cobertura de diversas modalidades esportivas, exceto de futebol, que era cobertura exclusiva aos homens, além disso, participava somente aos sábados. Uma das primeiras jornalistas a cobrir esportes na televisão brasileira, foi chamada para participar da equipe que cobriu a Olimpíada de 1984, em Los Angeles, segunda cobertura do evento realizada pela emissora brasileira.

Para Dantas (2016), outro pioneirismo no jornalismo esportivo foi Regiani Ritter, que entrou na profissão em 1983. A autora enfatiza que Ritter foi uma das primeiras repórteres de campo da história do jornalismo esportivo. Porém, a própria jornalista não se considera pioneira do jornalismo esportivo, devido ao fato de terem existido outras jornalistas anteriormente, mas nenhuma havia entrado e permanecido na área (DANTAS, 2016).

A autora relata que a luta das mulheres deu espaço não só para que elas conquistassem direitos como cidadão e profissionais, mas também no mundo esportivo. Além do preconceito que ainda vigora nas editorias jornalísticas, outro desafio é o estereótipo determinado pela mídia.

A luta das mulheres por direitos iguais aos homens favoreceu para que a mulher tivesse seu lugar na sociedade sendo possível exercer o seu papel de cidadã com o voto, o de profissional e também de esportista. O esporte precisou quebrar alguns paradigmas para que a mulher pudesse competir enquanto atleta (ALEXANDRINO, 2011, p. 34).

Apoiando-se no conceito de Luz (2015), 1975 foi um ano histórico para as mulheres, eleito pela Organização das Nações Unidas (ONU), como o Ano Internacional da Mulher. Vários eventos foram realizados no país, dando destaque para o encontro realizado no Rio de Janeiro, que teve a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) como um de seus promotores, originando o Centro da Mulher Brasileira. Por ser uma profissão que até pouco tempo era considerada masculina, a mulher tinha dificuldade para conseguir destaque e respeito dentro dessa editoria nas redações. Bashti (2011) retrata a realidade vivida pelas mulheres no mercado de trabalho ao argumentar que:

As mulheres jornalistas, como todas as mulheres trabalhadoras, são expostas cotidianamente às discriminações de gênero. São perseguidas sexualmente ou moralmente por serem mulheres. Ainda que sejam maioria nas redações e desempenhem as mesmas funções que os colegas do sexo masculino, as mulheres não ocupam proporcionalmente as chefias, ganham menos e são desconsideradas na seleção das vagas porque engravidam ou porque têm filhos ou filhas. Em alguns casos, os homens chegam a ter preferência para fazer as pautas de maior impacto na opinião pública ou que representem os espaços masculinos “tradicionais” (BASHTI, 2011, p. 20).

Ferreira (2013) relembra que este cenário tem raízes históricas, a mulher sofreu com o preconceito de gênero para se conquistar direitos de inclusão no meio social, elas são consideradas frágeis e sofrem desvalorização quanto à mão de obra na profissão.

Com as grandes guerras, as mulheres tiveram que, aos poucos, preencher lacunas no mercado de trabalho, e ali foram se consolidando, a despeito do gênero masculino que insistia em construir barreiras para que o inevitável acontecesse. Esse medo é justificável, pois as mulheres estão cada vez mais provando o seu valor e realizando as mais variadas tarefas que até bem pouco tempo não seria aceitável ou mesmo imaginável, como pilotar caças da força aérea em combate (FERREIRA, 2013, p.1).

O desafio trilhado pelas mulheres para se incluir em um campo de atuação predominantemente masculino, fica claro de acordo com Ana Paula Oliveira e Nathalia Lainetti de Oliveira (2017), tendo em vista que em decorrência do preconceito e estereótipo de gênero de que essa não seja uma profissão feminina, foram poucos veículos que deixaram de lado esse pensamento e ousaram contratar mulheres em suas equipes esportivas.

As profissionais seguem lutando para quebrarem o paradigma de sexo frágil e serem tratadas com igualdade perante aos homens em ambientes de trabalho. No telejornalismo esportivo, principalmente, as jornalistas precisam provar que o fato de serem mulheres não desqualifica o seu entendimento no ambiente que antes, era dominado pelos homens.

Nesse sentido, é possível afirmar que a presença da mulher no mundo do esporte representa, ao mesmo tempo, ameaça e complementaridade: ameaça porque chama para si a atenção de homens e mulheres, dentro de um universo construído e dominado por valores masculinos e porque põe em perigo algumas características tidas como constitutivas da sua feminilidade. Complementaridade porque parceira do homem em atitudes e hábitos sociais, cujo exercício simboliza um modo moderno e civilizado de ser. (GOELLNER, 2004, p. 5)

Mesmo com o aumento da presença de mulheres nas coberturas esportivas, a maioria é contratada por conta dos seus atributos físicos, visando atrair olhares masculinos para sua beleza e não para seu entendimento no assunto. Alexandrino (2011) acredita que a mulher foi inserida no jornalismo esportivo televisivo a partir de critérios físicos e de beleza, com o intuito de aumentar os índices de audiência, principalmente do público masculino.

Coelho (2003) revoga esta afirmação ao dizer que é preciso ter um vasto conhecimento sobre o assunto para ser selecionada e estar à frente de coberturas relevantes para o jornalismo esportivo.

Para o autor, é indispensável à presença de profissionais gabaritados e com amplo conhecimento no esporte em geral. Em decorrência de grande parte dos profissionais se especializarem apenas em futebol, durante a cobertura de competições como Olimpíadas, que abrange diversas modalidades esportivas, os veículos de comunicação tendem a contratar ex-atletas para comentarem e apresentarem, justamente por conta do conhecimento a respeito do assunto (COELHO, 2003).

Partindo dos conceitos de Alexandrino (2011), embora a inserção da mulher no em várias áreas do jornalismo esportivo, principalmente no telejornalismo, seja algo perceptível na atualidade, ainda falta representação, visto que, mesmo sendo uma jornalista gabaritada, a mulher ainda não possui espaço para expressar suas opiniões na profissão.

4. ESTUDO DE CASO DA REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NAS COBERTURAS DAS OLIMPÍADAS RIO 2016

Neste capítulo, será apresentado um pouco sobre o Globo Esporte, programa escolhido como recorte para a análise das coberturas, também será abordada a história das Olimpíadas e como foi a transmissão das Olimpíadas Rio 2016, evento escolhido para estudo nesta monografia. Por fim, será feita a análise do atual campo de trabalho da mulher como jornalista esportiva.

Baseando-se no que foi apresentado no decorrer deste trabalho, vimos que a mulher conquistou espaço no jornalismo esportivo e está presente em grandes emissoras do Brasil, como Globo, Record, Bandeirantes. Porém, ainda discute-se o cargo atribuído as mulheres nesta profissão.

A fim de melhor compreender o papel da mulher no jornalismo esportivo, iremos analisar a participação feminina na cobertura das Olimpíadas 2016, durante a exibição dentro do programa Globo Esporte, através de vídeos arquivados na plataforma Globoplay.

A análise foi efetuada da seguinte maneira, de modo que o objetivo da pesquisa fosse alcançado. Foram analisados todos os vídeos armazenados na plataforma Globoplay do programa Globo Esporte, no período das Olimpíadas, dia 5 ao dia 21 de agosto de 2016, uma vez que o programa não é exibido aos domingos.

4.1 Globo Esporte

Transmitido pela Rede Globo desde 14 de agosto de 1978, O Globo Esporte é um telejornal esportivo, exibido semanalmente nas tardes de segunda a sábado, com duração de 20 a 30 minutos.¹ O programa conta com 15 edições próximas, cada uma em um estado.

Inicialmente, o roteiro era destinado a coberturas de torneios de futebol nacionais e estaduais, porém, logo no primeiro ano, começou a apresentar reportagens de outras modalidades esportivas, como motociclismo, tênis, boxe, natação e basquete, por exemplo. De forma gradual, o programa começou a exibir

¹ Globo Esporte – Evolução <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte/evolucao.htm>> Acesso em: 26 set. 2019

também esportes amadores, que eram pouco divulgados na TV, passando a dar destaque para competições como basquete, vôlei, natação, hipismo, surfe, entre outros esportes de vinha a ser de interesse do público.²

No decorrer de sua transmissão, o Globo Esporte passou por uma combinação entre informação e entretenimento, suas pautas apresentavam reportagens curtas sobre os atletas, times, resultados dos jogos, melhores lances, classificação dos campeonatos, sempre buscando manifestar o lado excêntrico dos fatos esportivos.³

Desde o início da década de 80, a equipe jornalística do programa contava com profissionais como Hedyll Valle Júnior, Michel Laurence, Luiz Nascimento e Armando Augusto Nogueira. Na reportagem esportiva Oscar Eurico, Raul Quadros, Juarez Soares, Luciano do Valle, José Regal, Gil Rocha e José Hawilla. Ciro José comanda a Divisão de Esportes.⁴

Os primeiros apresentadores do Globo Esporte foram Léo Batista e Fernando Vanucci, o primeiro, permanece trabalhando no programa, em 2019, com um quadro próprio. Já na época em que as mulheres passaram a integrar a editoria esportiva, Mylena Ciribelli se destacou entre um dos rostos conhecidos como apresentadores do programa, a jornalista estreou na bancada em 1991, e alternava a bancada com Léo Batista, Fernando Vanucci e Isabela Scalabrini, outra jornalista que foi destaque feminino desde 1987, quando já fazia parte da equipe do Globo Esporte, porém, apresentava somente aos sábados.⁵

Durante o mês de agosto de 2016, período em que a Olimpíada foi exibida, a jornalista Fernanda Gentil estava à frente do programa na cabine montada na cidade Olímpica, local do evento. Em 2019, o atual apresentador do Globo Esporte do

²Globo Esporte – Evolução <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte/evolucao.htm>> Acesso em: 26 set. 2019

³Globo Esporte – Evolução <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte/evolucao.htm>> Acesso em: 26 set. 2019

⁴Globo Esporte – Evolução <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte/evolucao.htm>> Acesso em: 26 set. 2019

⁵Globo Esporte – Evolução <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte/evolucao.htm>> Acesso em: 26 set. 2019

estado do Rio de Janeiro, local onde o evento em análise foi realizado, é o jornalista Alex Escobar.⁶

4.2 As Olimpíadas

Acredita-se que a historicidade dos Jogos Olímpicos é dividida em duas fases, os Jogos Olímpicos antigos e modernos. Com base em Lima, Martins e Capraro (2009), na antiguidade, o evento possuía um vínculo religioso, no qual a participação dos atletas era destinada a servir aos deuses, eram considerados os Jogos Gregos. Na antiguidade, em meados do século VIII a.C., os Jogos Olímpicos foram realizados em Olímpia, na Grécia.⁷

Apoiando-se em Rubio (2010), a restauração dos Jogos Olímpicos aconteceu através de Pierre de Coubertin, em 25 de novembro de 1892, quando na festividade do 5º aniversário da União das Sociedades Francesas de Esporte Atlético, a qual o Barão de Coubertin foi o paraninfo, manifestou sua intenção de internacionalizar o esporte, sendo necessária a organização de novos Jogos Olímpicos (RUBIO, 2010).

Além das descobertas de sítios arqueológicos que permitiam desvendar acontecimentos relacionados aos Jogos Olímpicos da Antiguidade, que levou Pierre de Coubertin a tomar para si a tarefa de organizar uma instituição de caráter internacional com a finalidade de cuidar daquilo que seria uma atividade capaz de transformar a sociedade. (RUBIO, 2010, p. 56)

De acordo com a autora, a reestruturação dos Jogos Olímpicos foi apresentada em junho de 1894, na Sorbonne, em Paris, quando Pierre de Coubertin, fundou o Comitê Olímpico Internacional (COI), à frente de aproximadamente duas mil pessoas, sendo 79 dessas, representantes de sociedades esportivas e universidades de treze nações. Esse foi o início do congresso esportivo-cultural (RUBIO, 2010).

Fundamentando-se em Rubio (2010), a princípio, a proposta, que posteriormente se tornou permanente, era de que houvesse a celebração de uma competição internacional, que seria realizada de quatro em quatro anos, e os atletas seriam representantes de sua pátria.

⁶ Globo Esporte <https://pt.wikipedia.org/wiki/Globo_Esporte#Apresentadores> Acesso em: 26 set. 2019

⁷Olimpíadas 2016 – Origem dos Jogos Olímpicos <<https://blog.enem.com.br/olimpiadas-2016-origem-dos-jogos-olimpicos/>> Acesso em: 26 set. 2019

As Olimpíadas Modernas são divididas em Jogos de Inverno e de Verão, ocorrendo a cada quatro anos, como na antiguidade, sendo alternada de dois em dois anos. Na era moderna, os primeiros Jogos Olímpicos aconteceram em Atenas, no ano de 1896. Com a participação de 285 atletas de 13 países, que disputaram provas de modalidades como atletismo, luta livre, esgrima, ginástica, ciclismo, tênis, entre outras.⁸

4.3 Cobertura da Olimpíada 2016

Realizada pela primeira vez no Brasil, a Olimpíada 2016 teve como sede a cidade do Rio de Janeiro. O evento contou com mais de dez mil atletas, representantes de duzentos e sete delegações, incluindo o time de refugiados olímpicos e atletas independentes. No total, foram 42 modalidades disputadas.⁹

Por meio da imprensa internacional e nacional, foi possível acompanhar em tempo integral, as transmissões de todas as 42 modalidades. Ao todo, mais de três bilhões de telespectadores puderam acompanhar os jogos do Rio, através dos quinhentos canais que realizaram a transmissão do evento pelo mundo todo, totalizando trezentos e cinquenta mil horas de programação destinada aos jogos.¹⁰

No país sede, oito emissoras fizeram a transmissão do evento nos canais abertos, Globo, Band, Record e Record News adequaram os jogos a grade de programação. A Globo voltou a transmitir o evento esportivo após oito anos, isso porque nas Olimpíadas de 2012, o direito exclusivo de transmissão era da Record, que repassou apenas para a Record News. Uma curiosidade da emissora em relação à transmissão é que, pela primeira vez, a jornalista Glenda Kozlowski atuou como narradora.¹¹

⁸Olimpíadas 2016 – Origem dos Jogos Olímpicos <<https://blog.enem.com.br/olimpiadas-2016-origem-dos-jogos-olimpicos/>> Acesso em: 26 set. 2019

⁹ Olimpíadas do Rio de Janeiro 2016 <<https://www.suapesquisa.com/olimpiadas2016/>> Acesso em: 26 set. 2019

¹⁰ Audiência da Rio-2016 <<https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/audiencia-da-rio-2016-metade-da-populacao-mundial-acompanhou-olimpiada.html>> Acesso em: 26 set. 2019

¹¹Rio-2016: emissoras brasileiras <<https://br.blastingnews.com/esporte/2016/08/rio-2016-saiba-quais-emissoras-brasileiras-vaio-transmitir-a-olimpiada-001047047.html>> Acesso em: 26 set. 2019

Na TV fechada, a Fox Sport, que adquiriu direito em negociação com a Globo, ESPN, Band Sports e SporTV, com 16 canais, fizeram a transmissão dos jogos.¹²

Apesar da variedade de canais, a Globo, como emissora oficial da Rio 2016, bateu recorde de audiência, na TV aberta e na fechada, já que o SporTV, filial da Globo, dominou as transmissões com seus 16 canais. Com um investimento de R\$ 250 milhões em média, a emissora obteve um crescimento de 26,3% no índice de audiência.¹³

Quando comparada as outras emissoras de canal aberto que também transmitiram os jogos, a transmissão Globo saiu na frente. A Record apresentou uma queda na Grande São Paulo (9,4%), a Band também caiu de 2,1 para 2,0%. O ponto mais alto da audiência da Globo foi na final do futebol masculino, com a conquista da primeira medalha de ouro da seleção brasileira na modalidade, a emissora conquistou 37 pontos de ibope, número maior que o obtido no 7 a 1 da Alemanha sobre o Brasil na Copa do Mundo de 2014.¹⁴

Além das transmissões televisivas, para que o público ficasse ligado 24 horas em tudo que acontecia nos Jogos Olímpicos, todos os canais possuíam aplicativos que disponibilizavam as transmissões em tempo real para os dispositivos móveis que estivessem conectados à rede.¹⁵

Na TV aberta, a emissora Globo disponibilizou o aplicativo GloboPlay, a Band criou o Band TV e a Record desenvolveu o Rede Record. Nos canais fechados, a ESPN ofereceu o Watch ESPN, o Fox Sports disponibilizou o Fox Sports Play, e a Band Sports concedeu o Band Sports TV. Durante todo o evento, o telespectador teve acesso total e íntegro às competições das Olimpíadas 2016.¹⁶

¹²Rio-2016: emissoras brasileiras <<https://br.blastingnews.com/esporte/2016/08/rio-2016-saiba-quais-emissoras-brasileiras-vaio-transmitir-a-olimpiada-001047047.html>> Acesso em: 26 set. 2019

¹³ Rio 2016 na Globo <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/na-tv-aberta-rio-2016-foi-uma-olimpiada-so-da-globo-saiba-por-que-12334>> Acesso em 26 set. 2019

¹⁴ Rio 2016 na Globo <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/na-tv-aberta-rio-2016-foi-uma-olimpiada-so-da-globo-saiba-por-que-12334>> Acesso em: 26 set. 2019

¹⁵Rio-2016: emissoras brasileiras <<https://br.blastingnews.com/esporte/2016/08/rio-2016-saiba-quais-emissoras-brasileiras-vaio-transmitir-a-olimpiada-001047047.html>> Acesso em: 26 set. 2019

¹⁶Rio-2016: emissoras brasileiras <<https://br.blastingnews.com/esporte/2016/08/rio-2016-saiba-quais-emissoras-brasileiras-vaio-transmitir-a-olimpiada-001047047.html>> Acesso em: 26 set. 2019

Os jogos Olímpicos Rio 2016 foi o mais conectado e compartilhado, outra singularidade para o evento. A fim de fortificar o sinal, as operadoras telefônicas montaram estruturas temporárias nas áreas externas. Nos locais de competição, foi partilhado cabos e antenas como oferta de rede móvel e telefonia.¹⁷

De acordo com as empresas patrocinadoras e responsáveis pelos serviços de telecomunicações, Claro, Embratel e NET, do grupo America Móvil, foi investido cerca de R\$ 30 milhões no país nos últimos três anos, sendo grande parte desse dinheiro, voltada para a infra-estrutura dos jogos.¹⁸

4.4 Análises

Para a coleta dos resultados que respondem a problemática dessa pesquisa, será usada a metodologia qualiquantitativa, onde será feita uma análise por meio de conceitos e números da participação feminina na cobertura dos Jogos Olímpicos 2016.

De acordo com Coelho (2003), o jornalismo esportivo é uma área na qual os profissionais precisam de um vasto conhecimento sobre os mais diversos esportes, essa afirmação contribuiu para a seleção do evento escolhido para análise, visto que o mesmo possui uma diversidade de modalidades a serem analisadas.

Os vídeos arquivados na plataforma GloboPlay exibidos no programa Globo Esporte no período das Olimpíadas 2016, dia 5 a 21 de agosto, foram analisados com o objetivo de identificar de que forma as mulheres estão inseridas nas coberturas esportivas como jornalistas e atletas de megaeventos e, em quais funções sua participação é mais relevante, também serão analisados os critérios de noticiabilidade dos conteúdos produzidos por elas, definido por Traquina (2005) como “Linha-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do

¹⁷Rio-2016: emissoras brasileiras <<https://br.blastingnews.com/esporte/2016/08/rio-2016-saiba-quais-emissoras-brasileiras-vaio-transmitir-a-olimpiada-001047047.html>> Acesso em: 26 set. 2019

¹⁸Olimpíada do Rio terá uso de internet quatro vezes maior que em Londres <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-07/olimpiada-do-rio-tera-uso-de-internet-quatro-vezes-maior-que-em-londres>> Acesso em 26 set. 2019

acontecimento como notícia”, ou seja, os critérios de noticiabilidade ou valor-notícia, nos demonstra a relevância de uma reportagem.

O formato do programa Globo Esporte conta com entrevistas e transmissões ao vivo de várias competições. A jornalista Fernanda Gentil era a apresentadora do Globo Esporte no período do evento. Nota-se que, a linguagem utilizada no programa possui um tom informal, as informações são apresentadas de forma mais descontraída, visando criar uma proximidade com o público, como realça Oliveira e Pimenta (2018):

Aprisionados pela guerra de audiência, os noticiários esportivos deram lugar a programas de entretenimento. Cada vez mais os cortes de cabelo dos jogadores, as cores da chuteira, a postagem nas redes sociais ganham espaço na mídia. Os novos ângulos de câmera, a linguagem informal e o bom humor contribuem para que o espetáculo se torne mais a “cara” das pessoas. (OLIVEIRA E PIMENTA, 2018, p. 6)

De acordo com Coelho (2003), os jornalistas tem costume de se especializarem apenas em futebol, por isso quando há uma competição como Olimpíadas, as emissoras contratam ex-atletas como comentaristas, devido ao seu vasto conhecimento sobre sua modalidade específica. Como nas Olimpíadas 2016, que contou com os ex-atletas Gustavo Kuerten (tênis), Hortência (basquete), Flávio Canto (judô), Daiane dos Santos (ginástica), Tande (vôlei), Maurren Maggi (atletismo), Giba (vôlei), Shelda (vôlei de praia), Gustavo Borges (natação) e Fabi (vôlei).

A metodologia escolhida para a análise desse trabalho foi a qualiquantitativa, com o intuito de obter uma análise mais profunda do assunto da pesquisa, e os critérios de noticiabilidade como auxílio para a análise das reportagens realizadas pela mulher jornalista na cobertura das Olimpíadas 2016 durante o programa Globo Esporte, com o intuito de mostrar o cenário da mulher no jornalismo esportivo. De acordo com Traquina (2005), a definição de noticiabilidade seria o composto de critérios e operações que oferecem competência para merecer ser classificado como matéria jornalística, ou seja, possuir valor como notícia.

Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor-notícia” (*newsworthiness*). (TRAQUINA, 2005, p. 36)

Os critérios selecionados, com base em Traquina (2005), possuem relação à avaliação direta dos conteúdos para análise.

Tabela 2: Critérios de Noticiabilidade

Notoriedade	Proximidade	Relevância	Novidade	Notabilidade	Inesperado
Interesse público.	A proximidade entre a notícia e o receptor.	Acontecimentos importantes porque têm um impacto sobre a vida das pessoas.	O que há de novo; Primeira vez.	Qualidade de ser visível de uma notícia, mais palpável.	Algo surpreendente, mega-acontecimento.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Abaixo, serão listadas em forma de análise quali-quantitativa, as participações femininas em cada dia, classificando a modalidade na qual elas foram inseridas e a relevância da reportagem, a fim de analisar se há desigualdade de gênero no jornalismo esportivo, com exceção das vezes em que houve a participação de Fernanda Gentil, visto que a jornalista foi apresentadora do programa.

4.4.1 Análise Quantitativa

Na tabela abaixo, apresentaremos a análise quantitativa que foi realizada do dia 05 ao dia 21 de agosto de 2016. Visto que o programa não é exibido aos domingos, os dias 07, 14 e 21 de agosto de 2016 não apresentam conteúdo para esta análise, além disso, no dia 06 de agosto de 2016, o programa não foi exibido. Outro ponto a destacar é que, durante a análise, não foram consideradas as passagens realizadas pela apresentadora Fernanda Gentil da cabine. O intuito da metodologia quantitativa é de, mostrar qual gênero predominou mais durante a exibição do programa, com o objetivo de clarificar a problematização da igualdade entre homem e mulher.

Tabela 3: Análise Quantitativa

DIA	MULHERES	HOMENS
05 de agosto	0	6
08 de agosto	1	6
09 de agosto	0	1
10 de agosto	2	3
11 de agosto	1	5
12 de agosto	1	5
13 de agosto	2	3
15 de agosto	1	5
16 de agosto	1	3
17 de agosto	0	5
18 de agosto	0	8
19 de agosto	1	3
20 de agosto	0	7
TOTAL	10	60

Fonte: Elaborada pelo autor.

Foram analisadas 70 reportagens exibidas durante o programa Globo Esporte na cobertura das Olimpíadas 2016 do dia 05 a 21 de agosto de 2016, exceto nos dias 07, 14 e 21 de agosto de 2016, visto que o programa não é exibido aos domingos, e também não foi exibido no dia 06 de agosto. A partir desse total, 60 são realizadas por homens, enquanto apenas 10 são feitas por mulheres.

Com base no conteúdo obtido, nota-se a predominância de jornalistas homens no decorrer do programa, comprovando a hipótese de que a mulher ainda sofre com o preconceito na editoria esportiva, como foi identificado na emissora Globo, uma das maiores da América Latina.

4.4.2 Análise Qualitativa

A fim de melhor compreender essa desigualdade de gênero encontrada na cobertura das Olimpíadas 2016 pela Rede Globo durante o programa Globo Esporte, foi realizada a análise qualitativa das 10 reportagens femininas encontradas na análise anterior. As matérias foram separadas por modalidades, e foram analisadas de forma detalhada e empregando o uso dos critérios de noticiabilidade, para que assim, pudessem ser julgados como reportagens que possuem ou não valor-notícia para o jornalismo esportivo.

Modalidade: Futebol Feminino

Reportagem 1

Figura 1 – Reportagem Futebol Feminino dia 10/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5224973/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019¹⁹

A reportagem de Maíra Lemos exibida no dia 10 de agosto de 2019, possui 01 minuto e 47 segundos e aborda o empate da seleção brasileira feminina com a África do Sul. Como a equipe já entrou na partida classificada, a repórter inicia a matéria dando ênfase ao apoio da torcida para amenizar o empate da seleção feminina, dando proximidade. Tal como foi identificado por Traquina (2005), o critério de proximidade agrega à reportagem maior visibilidade, pois uma notícia que traz informações que aconteceram próximas ao público, tem mais chances de ser notícia relevante a eles.

¹⁹ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5224973/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

Figura 2 – Reportagem Futebol Feminino dia 10/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5224973/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019²⁰

O fato de Marta, a atleta considerada a craque do time, estar entre as reservas é enfatizado pela repórter, como conferindo notoriedade. Traquina (2005) define o critério de notoriedade como a importância da posição social do indivíduo noticiado, quanto mais importante, mais valor tem a notícia. Outro critério encontrado foi o de notabilidade, que segundo o autor, possui o mesmo sentido que a notoriedade, nada mais é do que a forma de visibilidade do indivíduo.

Figura 3 – Reportagem Futebol Feminino dia 10/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5224973/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019²¹

Nota-se que, a todo o momento, a repórter referencia Marta, desta vez, mostrando a empolgação do público após a entrada da atleta no 2º tempo da partida contra a África do Sul, destacando mais uma vez o critério de notoriedade da jogadora em particular, visto sua popularidade no futebol feminino.

²⁰ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5224973/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

²¹ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5224973/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

Figura 4 – Reportagem Futebol Feminino dia 10/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5224973/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019²²

Durante toda a matéria, destaca o apoio do público apesar do empate, e finaliza a reportagem falando o dia e local da próxima partida. Sem uma linguagem muito técnica, a jornalista apenas narra como foi a partida e faz a chamada para o próximo jogo da seleção feminina.

Reportagem 2

Figura 5 – Reportagem Futebol Feminino dia 12/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5230867/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019²³

A reportagem de Maíra Lemos sobre o último treino da seleção feminina de futebol para as quartas de final tem 01 minuto e 36 segundos e foi exibida no dia 12 de agosto de 2016. A reportagem entra no último bloco do Globo Esporte, conferindo menor relevância ao assunto. Traquina (2005) relata que o critério de relevância corresponde a acontecimentos importantes e de impacto na vida das pessoas. A

²² Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5224973/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

²³ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5230867/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

repórter inicia a matéria falando sobre as fotografias feitas no treino da seleção, algo já esperado em todos os treinos, o que não agrega os critérios de novidade e inesperado, como o nome já sugere, os critérios são definidos pelo autor como algo novo, que traga uma informação surpreendente que possa chamar atenção do público.

Figura 6 – Reportagem Futebol Feminino dia 12/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5230867/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019²⁴

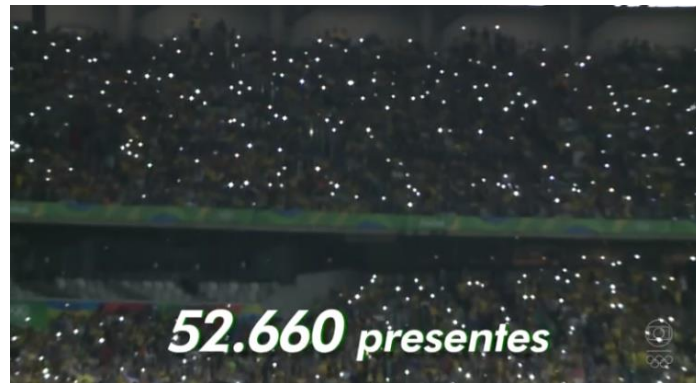
Somente a partir da metade da matéria, a jornalista começa a falar sobre os trabalhos realizados no treino antes do jogo. Nota-se que a reportagem não possui nenhum critério de noticiabilidade, o que torna o valor-notícia fraco para o jornalismo esportivo.

Nota-se que, na reportagem apresentada, os critérios de noticiabilidade foram pouquíssimos explorados, mostrando que a matéria não possui valor-notícia, tornando baixa sua relevância. Além disso, na mesma reportagem pode-se observar o tratamento da equipe jornalística ao futebol feminino, levando em conta que a modalidade é a mais popular no país, e a categoria masculina possui muita visibilidade na mídia.

²⁴ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5230867/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

Reportagem 3

Figura 7 – Reportagem Futebol Feminino dia 13/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5233129/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019²⁵

A reportagem exibida no dia 13 de agosto possui 03 minutos e 08 segundos, a mais longa produzida e apresentada por uma mulher no período analisado. Trata-se da classificação da seleção brasileira de futebol para a semifinal. A jornalista Maíra Lemos inicia destacando o maior público da seleção feminina nos Jogos Olímpicos 2016, agregando o critério de novidade à matéria. Traquina (2005) defende a importância desse critério, “O mundo jornalístico interessa-se muito pela primeira vez” (TRAQUINA, 2005, p. 81).

Figura 8 – Reportagem Futebol Feminino dia 13/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5233129/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019²⁶

²⁵ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5233129/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

²⁶ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5233129/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

A decisão da partida nas quartas de final foi nos pênaltis. “Marta foi a quinta brasileira a cobrar”, nota-se que a jornalista atribui destaque a atleta mais notável da equipe, atribuindo valor-notícia com o critério de notoriedade. “Difícil de acreditar” diz a repórter referindo-se a atleta ter perdido a cobrança, como sendo algo inesperado, visto que a jogadora raramente desperdiça suas cobranças, atribuindo mais um critério a matéria.

Figura 9 – Reportagem Futebol Feminino dia 13/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5233129/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019²⁷

No texto final, a repórter mostra as duas defesas da goleira Bárbara, que classificaram a seleção para a próxima fase. Mesmo com a ajuda da goleira na classificação, é notável que, a todo o momento, a jornalista continua exaltando Marta, buscando agregar mais valor-notícia a reportagem, levando em consideração o critério de notoriedade, definido por Traquina (2005) como a popularidade do ator principal do acontecimento. “O choro da nossa craque, de alívio, e o Brasil está classificado para a semifinal dos Jogos Olímpicos”.

²⁷ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5233129/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

Reportagem 4

Figura 10 – Reportagem Futebol Feminino dia 10/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5247277/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019²⁸

No dia 19 de agosto, Maíra Lemos foi chamada ao vivo, diretamente da cabine jornalística na Arena Corinthians, para apresentar informações sobre a disputa da seleção brasileira feminina de futebol pela medalha de bronze. A transmissão tem duração de um minuto, e a jornalista faz comentários breves, sem muito aprofundamento.

Figura 11 – Reportagem Futebol Feminino dia 10/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5247277/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019²⁹

A única informação relevante que agrega valor-notícia a reportagem é a despedida da jogadora Formiga de competições olímpicas. A veterana da equipe, é a única pessoa do mundo a ter participado, como atleta, de sete Copas do Mundo

²⁸ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5247277/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

²⁹ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5247277/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

(incluindo homens e mulheres) e também, a única futebolística a ter participado de seis edições dos Jogos Olímpicos.

Figura 12 – Reportagem Futebol Feminino dia 10/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5247277/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019³⁰

Apesar da grande conquista da jogadora Formiga da seleção brasileira, fica evidente a desvalorização da mulher também como atleta, visto que, o assunto teria maior espaço na mídia se fosse a despedida de jogadores homens que atingiram grandes números na carreira. A reportagem de Maíra Lemos não agrega nenhum valor-notícia ao jornalismo esportivo, levando em conta os critérios de noticiabilidade relacionados para essa análise.

Um detalhe curioso a ser destacado é que, das dez matérias em análise, nota-se que as mulheres foram inseridas em apenas quatro reportagens sobre futebol, ainda assim, sobre o futebol feminino, o qual não possui a mesma audiência como o masculino, mesmo sendo considerado o esporte mais popular no país, de acordo com Coelho (2003). Essa situação da produção de reportagens sobre futebol, especificamente por ser um dos esportes de maior audiência no Brasil, vai de encontro com o ponto de vista do autor, de que, ao chegarem às editorias esportivas, as mulheres são direcionadas para cobrir esportes amadores, visto que se considera mais fácil falar de outras modalidades.

Nas quatro reportagens sobre o futebol feminino analisadas, observa-se que não há muitos critérios de noticiabilidade, mostrando que a mulher como jornalista é direcionada para matérias que não contém informações de relevância na mídia,

³⁰ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5247277/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

como o futebol masculino, por exemplo, e como atleta, essas mulheres também sofrem a desigualdade de gênero quando comparadas a atletas masculinos, como vimos o exemplo da atleta Formiga.

Modalidade: Ginástica Artística

Reportagem 1

Figura 13 – Reportagem Ginástica Artística dia 09/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5219889/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019³¹

A reportagem sobre a ginástica artística feminina, exibida no dia 9 de agosto, possui 01 minuto e 52 segundos e contou com a cobertura da jornalista Mariana Becker. Inicialmente no lide da reportagem, a repórter Mariana Becker destaca a junção das atletas veteranas com as novatas na equipe que representou o Brasil na respectiva modalidade.

Figura 14 – Reportagem Ginástica Artística dia 09/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5219889/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019³²

³¹ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5219889/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

³² Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5219889/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

No decorrer da matéria, a repórter aponta falhas cometidas pela ginasta brasileira. A edição jornalística destaca o erro e a atleta aparece pedindo desculpas. Com isso, nota-se que há uma diminuição na imagem feminina como atleta.

Figura 15 – Reportagem Ginástica Artística dia 09/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5219889/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019³³

Os próximos detalhes da reportagem reforçam a estreia das ginastas mais novas, além de enfatizar a emoção das veteranas após a apresentação, dando destaque ao estereótipo de que a mulher é relacionada à emoção enquanto o homem, a força. O que foi observado em relação à representação da mulher como atleta é que, apesar das notas altas conquistadas pelas estreantes na competição, a matéria focou mais nas falhas de atletas mais experientes.

Figura 16 – Reportagem Ginástica Artística dia 09/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5219889/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019³⁴

³³ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5219889/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

³⁴ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5219889/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

Ao longo da matéria, a repórter começa a enfatizar a superioridade de uma atleta americana na competição, buscando agregar o critério de notoriedade a matéria, levando em consideração a popularidade da ginasta. Como estabelecido por Traquina (2005, p. 79) “A celebridade ou a importância hierárquica dos indivíduos envolvidos no acontecimento tem valor como notícia”.

Figura 17 – Reportagem Ginástica Artística dia 09/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5219889/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019³⁵

Ao final do texto, a repórter traz uma informação da ginástica masculina. É perceptível a mudança na entonação da jornalista sobre a equipe masculina, “Agora de tarde é hora de torcer pelos meninos e a gente chega nessa fase da competição já marcando história”, é possível perceber nessa frase, um tratamento aos homens que não foi dado às mulheres em nenhum momento da reportagem, deixando eminente a relevância dos homens quando comparados a atletas mulheres.

³⁵ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5219889/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

Reportagem 2

Figura 18 – Reportagem Ginástica Artística dia 10/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5225015/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019³⁶

A jornalista Mariana Becker inicia a reportagem do dia 10 de agosto de 2016 enfatizando o apoio da torcida apesar do erro cometido pelas atletas brasileiras. Além disso, a repórter mostra a despedida da ginasta Jade Barbosa das Olimpíadas.

Figura 19 – Reportagem Ginástica Artística dia 10/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5225015/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019³⁷

Em seguida, a jornalista começa a ressaltar a superioridade da atleta americana, Simone Biles, e até sua entonação muda nesta parte da matéria, mais uma vez fazendo o uso do critério de notoriedade, visto a popularidade da atleta na modalidade.

³⁶ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5225015/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

³⁷ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5225015/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

Figura 20 – Reportagem Ginástica Artística dia 10/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5225015/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019³⁸

A repórter demonstra mais empenho ao falar da atleta americana, porém, o inesperado não é utilizado, visto que o bom desempenho da atleta, não é algo novo. Mariana Becker finaliza o texto com a seguinte frase: “A torcida ela já ganhou, sambando na casa do anfitrião”, deixando claro o aprofundamento da matéria sobre a ginasta americana, que certamente possui mais notoriedade que as atletas brasileiras, como supõe a edição jornalística, dando irrelevância as atletas anfitriãs.

Reportagem 3

Figura 21 – Reportagem Ginástica Artística dia 15/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5236398/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019³⁹

“Ser melhor do que o outro e muitas vezes melhor do que a si mesmo”, assim a jornalista Mariana Becker, inicia a reportagem exibida no dia 15 de agosto sobre a ginástica artística masculina, com essa frase de engrandecimento. Na matéria com

³⁸ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5225015/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

³⁹ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5236398/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

duração de 02 minutos e 38 segundos, a repórter mostra como foi a conquista de bronze de Arthur Nory, e o prata de Diego Hipólito. Compreende-se que, apesar dos atletas não terem conquistado o ouro devido a algumas falhas, a jornalista enaltece os ginastas e não apresenta comentários sobre os erros, diferente do que foi visto nas reportagens da ginástica feminina.

Figura 22 – Reportagem Ginástica Artística dia 15/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5236398/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019⁴⁰

Ao falar sobre a conquista da prata de Diego Hipólito, é o momento que mais possui valor-notícia na matéria, isto porque a jornalista destaca que o atleta vinha de duas quedas nos Jogos Olímpicos anteriores, por isso, esta medalha, foi uma superação em sua carreira.

Figura 23 – Reportagem Ginástica Artística dia 15/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5236398/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019⁴¹

⁴⁰ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5236398/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

⁴¹ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5236398/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

A repórter finaliza a matéria enaltecendo a conquista dos ginastas. “Superação, a ação de vencer, alcançar, conseguir, elevar-se acima dele.” Apesar a bonita definição usada pela jornalista, a reportagem ao todo, não possui valor-notícia de acordo com os critérios analisados, somente proximidade com o público brasileiro.

Reportagem 4

Figura 24 – Reportagem Ginástica Artística dia 16/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5239305/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019⁴²

No dia 16 de agosto, esta foi a única reportagem em que houve a participação feminina como jornalista, com duração de 01 minuto e 48 segundos. A repórter Mariana Becker mostra como foi a conquista da medalha de prata do ginasta Arthur Zanetti nas argolas. Inicialmente, a repórter destaca o desempenho de dois adversários do atleta.

Figura 25 – Reportagem Ginástica Artística dia 16/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5239305/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019⁴³

⁴² Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5239305/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

⁴³ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5239305/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

No decorrer da reportagem, a jornalista apresenta duas entrevistas com o atleta. De forma breve, Mariana mostra como foi a conquista da medalha de prata e comenta sobre a exibição final do ginasta, que recebeu ótimas notas e o colocou no pódio.

Figura 26 – Reportagem Ginástica Artística dia 16/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5239305/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019⁴⁴

A jornalista finaliza a reportagem mencionando a ginástica feminina, dessa vez, desprestigiando a ginasta Simone Biles, que terminou em 3º lugar, a qual a repórter enalteceu durante todas as reportagens femininas. Este fato inesperado agregou valor-notícia à reportagem, porém, chamou atenção para uma curiosidade, a atleta que foi elogiada durante quase toda a competição, foi colocada em evidência quando recebeu suas primeiras notas baixas, sendo posto em evidência o seu erro, “Logo ela que parecia invencível”, foi o que disse a repórter.

A partir da análise das quatro reportagens sobre a ginástica artística, observou-se que, na ginástica feminina, a jornalista buscou agregar valor-notícia às reportagens enfatizando a superioridade de uma atleta americana, que vinha sendo considerada a melhor ginasta do momento, com isso agregando notoriedade à matéria.

No que se refere à relação de gênero, notamos que o tratamento da jornalista a ginástica feminina foi completamente diferente em comparação aos homens. Isso fica evidente nas reportagens 1, 3 e 4. Na reportagem um observou-se uma mudança na entonação da jornalista para veicular uma informação sobre a equipe masculina, além disso, na mesma reportagem, também é possível perceber o

⁴⁴ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5239305/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

destaque para a emoção da ginasta feminina, reforçando o estereótipo de que as mulheres enquanto atletas são ligadas a emoção já os homens a força física.

Mariana Becker foi a jornalista que esteve a frente de todas as coberturas da ginástica artística exibida no Globo Esporte durante as Olimpíadas. A repórter conseguiu deixar em evidência a desigualdade de gênero dentro do esporte, como também conseguiu mostrar a pobreza no valor-notícia das pautas direcionadas às mulheres como jornalista em coberturas de mega-eventos esportivos, visto que nenhuma de suas reportagens conferiu alto índice de valor-notícia.

Modalidade: Pólo Aquático

Figura 27 – Reportagem Polo Aquático dia 11/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5227757/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019⁴⁵

A reportagem de Luciana Ávila foi exibida no dia 11 de agosto com duração de 02:11, e fala sobre a classificação inédita do polo aquático brasileiro para as quartas de final, a modalidade não possui muita visibilidade na mídia, visto que essa foi a única matéria encontrada sobre o esporte, ou seja, o critério de relevância já é descartado logo no início da matéria, pois de acordo com Traquina (2005), é preciso que o acontecimento tenha um impacto para ser considerado relevante como notícia.

⁴⁵ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5227757/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

Figura 28 – Reportagem Polo Aquático dia 11/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5227757/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019⁴⁶

O pólo aquático brasileiro contou com cinco atletas naturalizados, dos 13 que compõe a equipe. A jornalista inicia a matéria comentando exatamente sobre essa mistura e falando sobre o sotaque dos atletas, assunto que não possui relevância nenhuma para o público de jornalismo esportivo. O assunto é enfatizado no decorrer da reportagem afastando o critério de proximidade, visto que em nenhuma parte da matéria, é mencionado algo sobre os outros oito atletas brasileiros, Traquina (2005) define que a proximidade é um importante critério em termos geográficos e culturais.

Figura 29 – Reportagem Polo Aquático dia 11/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5227757/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019⁴⁷

Observa-se que, somente ao 01 minuto e 50 segundos, a jornalista informa o placar do jogo e o único dado que possui critério de noticiabilidade, a classificação

⁴⁶ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5227757/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

⁴⁷ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5227757/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

inédita da equipe para as quartas de final, usando o critério de novidade, classificado por Traquina (2005) como o que há de novo, porém, de forma breve, sem aprofundar muito no esporte, o que torna a reportagem rasa e superficial.

Levando em consideração que esta foi a única reportagem do pólo aquático exibida durante os 13 dias de análise, nota-se que não é uma modalidade que possui tanta visibilidade na mídia quando comparada ao futebol e vôlei por exemplo, no qual foram exibidas muitas reportagens com a cobertura de jornalistas homens, reforçando mais uma vez a hipótese de que uma repórter mulher foi inserida na reportagem de uma modalidade menos relevante, e produziu seu texto sem muito aprofundamento e valor-notícia.

Modalidade: Judô

Figura 30 – Reportagem Judô dia 13/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5233021/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019⁴⁸

A repórter Isabela Scalabrini, apresenta uma reportagem de 02 minutos e 23 segundos sobre a conquista do bronze do judôca Rafael Silva no dia 13 de agosto. A matéria não possui notoriedade, relevância, novidade e não traz nenhum fato inesperado ao jornalismo esportivo, o que torna a reportagem fraca em valor-notícia.

⁴⁸ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5233021/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

Figura 31 – Reportagem Judô dia 13/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5233021/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019⁴⁹

Nota-se que, a jornalista, inicia a matéria enaltecendo o atleta, mostrando suas conquistas e falando sobre a superação dele após passar por diversas cirurgias, e mesmo quando comenta sobre a luta em que o atleta foi derrotado, a repórter fala brevemente e logo em seguida já recompõe a vitória do judoca, “Baby se recuperou e conseguiu as duas vitórias que o levaria ao pódio”.

Figura 32 – Reportagem Judô dia 13/08/2016



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/5233021/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019⁵⁰

No decorrer da matéria, a repórter evidencia o público, dando destaque à família do judoca brasileiro. Nota-se que o único valor-notícia atribuído a reportagem é o de proximidade, e mais uma vez, a palavra superação com o intuito de elevar um atleta esteve presente em uma reportagem da categoria masculina.

⁴⁹ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5233021/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

⁵⁰ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5233021/programa/>>. Acesso em: 26 set. 2019

Assim como o pólo aquático, a modalidade judô também foi exibida somente uma vez durante o período analisado, evidenciando sua baixa visibilidade na mídia. Durante a análise, notou-se que, a jornalista eleva a todo o momento o atleta masculino e, até mesmo quando fala sobre sua derrota retoma rapidamente para outras duas conquistas do judoca.

A forma como a repórter conduziu a matéria, foi bem diferente do que foi visto nos textos da ginástica artística feminina, no qual foi observado um destaque sobre as falhas das atletas, sendo mencionadas ainda no início do texto. Isso reforça a estimativa de que o estereótipo de gênero, mesmo que de forma mais amena, ainda está presente no cenário esportivo.

Tabela 4: Valores-notícias encontrados nas reportagens

Crítérios de noticiabilidade	09/08	10/08	11/08	12/08	13/08	15/08	16/08
Notoriedade	1x	2x			1x		
Proximidade		1x			1x	1x	
Relevância							
Novidade			1x		1x		
Notabilidade		1x					
Inesperado					1x		1x

Fonte: Elabora pelo autor.

Na tabela acima, é possível visualizar melhor a pouca utilização dos valores-notícias nas reportagens apresentadas pelas mulheres. De todas as reportagens analisadas, foram encontradas participações de mulheres nos dias, 09 de agosto, 10 de agosto, 11 de agosto, 12 de agosto, 13 de agosto, 15 de agosto e 16 de agosto de 2019. Das reportagens encontradas, foram analisadas detalhadamente cada uma, a fim de identificar o seu valor-notícia. Na tabela apresentada, os critérios encontrados em casa reportagem foram separados por dia, com o intuito de melhor apresentar os critérios de noticiabilidade encontrados nas reportagens para a qual as mulheres foram direcionadas.

5. CONCLUSÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo a análise da cobertura feminina nos Jogos Olímpicos 2016 durante o programa Globo Esporte, exibido pela TV Globo, uma das maiores emissoras da América latina. A partir da análise, pretendeu-se apresentar como está representado a desigualdade de gênero em parte do cenário profissional esportivo e se o estereótipo tem influência ou não no espaço da mulher no esporte, praticando ou falando sobre o assunto na televisão.

Para obter resultados que sustentam esta hipótese, foi realizada uma análise da cobertura das Olimpíadas 2016 durante o programa Globo Esporte, exibido pela emissora Globo semanalmente, com o intuito de mostrar a representatividade da mulher no jornalismo esportivo, analisando como ocorre a participação feminina como jornalista e como atleta em um ambiente predominantemente masculino.

Como visto no desenvolvimento do trabalho, a prática esportiva foi restrita às mulheres durante muito tempo. O esporte era visto como uma atividade predominantemente masculina, e esse foi um dos motivos que afetou também o mercado de trabalho. Com base na revisão bibliográfica realizada, sabe-se que, somente no início dos anos 1970 a mulher começou a ganhar espaço no jornalismo esportivo. Em 2019, uma mulher veiculando assuntos esportivos é visto com mais frequência, porém, ainda não compõe de forma igualitária a editoria esportiva.

Como prática metodológica buscou-se uma análise qualiquantitativa que resultou na coleta de 70 reportagens, com base no conteúdo obtido a partir da análise quantitativa das coberturas dos Jogos Olímpicos 2016, constatou-se que a participação masculina nas coberturas esportivas ainda se manteve em predominância se tratando da cobertura de um grande evento esportivo, como as Olimpíadas. Das 70 reportagens analisadas, apenas 10 contam com a participação de uma mulher. Ainda assim, são coberturas de esportes menos relevantes, como pólo aquático, judô, ginástica artística e futebol feminino, modalidades que não possuem tanta visibilidade na mídia. Se tratando da cobertura de um grande evento esportivo como os Jogos Olímpicos, a maior parte das reportagens de modalidades com menor destaque na mídia serem apresentadas por mulheres, coloca em evidência a desigualdade no meio jornalístico.

Essa questão se torna evidente em grandes eventos, pois se torna mais difícil encontrar mulheres comentando ou cobrindo modalidades como futebol masculino, vôlei e basquete, por exemplo, que são esportes que estão sempre sendo mostrados na mídia, diferentemente das modalidades que são disputadas apenas em Jogos Olímpicos e das categorias femininas, que raramente são transmitidas na TV aberta, obstruindo a maior visibilidade do esporte.

Observa-se que as reportagens produzidas por mulheres na cobertura das Olimpíadas do dia 05 a 21 de agosto de 2016, durante o programa Globo Esporte, abordaram assuntos dos esportes femininos, e nenhuma matéria produzida foi sobre futebol masculino, o esporte que mais se destaca na mídia brasileira.

Inicialmente, foi realizada uma análise quantitativa para chegar a uma evidência numérica da predominância dos homens no jornalismo esportivo. Foram coletadas apenas dez reportagens apresentadas por mulheres num total de 70. As dez matérias encontradas foram analisadas de forma qualitativa, detalhadamente e agregando os critérios de noticiabilidade apontados por Traquina (2005). Os critérios selecionados que mais contribuíram para a análise dessa pesquisa foram: notoriedade, proximidade, relevância, novidade, notabilidade e inesperado.

Após a realização do estudo a cerca dos critérios atribuídos aos textos jornalísticos no qual as mulheres foram inseridas, nota-se a fraqueza na estruturação da pautas apresentadas pelas jornalistas. Maíra Lemos aparece em quatro coberturas do futebol feminino e destaca bastante a jogadora Marta em duas reportagens, apelando para o critério de notoriedade. As outras duas reportagens são superficiais, sem aprofundamento na modalidade.

Um detalhe a ser observado é que, em uma das reportagens, a jornalista comenta sobre a última participação da jogadora Formiga em Jogos Olímpicos, a atleta possui uma marca histórica em sua carreira, sendo a única atleta a participar de sete Copas do Mundo, incluindo homens e mulheres, e também é a única jogadora de futebol a participar de seis edições dos Jogos Olímpicos, esse detalhe não é mencionado durante a reportagem, evidenciando a desigualdade entre homens e mulheres na prática esportiva, visto que, os atletas masculinos que alcançam marcas como essa na carreira, são mencionados com bastante relevância na mídia.

Ainda com base nos critérios de noticiabilidade agregados ao texto jornalístico produzido nessas reportagens, verifica-se também que, a própria jornalista expõe a desigualdade de gênero existente na prática esportiva. A jornalista Mariana Becker, realizou a cobertura da modalidade ginástica olímpica feminina e masculina, e deixou clara a mudança na entonação ao veicular informação da categoria feminina e da masculina. No lead da reportagem da ginástica feminina, a repórter aponta as falhas cometidas pelas atletas enquanto que na ginástica masculina, a jornalista inicia exaltando os atletas, mencionando superficialmente os erros cometidos, como se aquela categoria realmente possuísse mais visibilidade e relevância.

Por fim, a análise da cobertura das Olimpíadas Rio 2016 exibidas durante o programa Globo Esporte, evidenciam um panorama em relação à desigualdade de gênero no jornalismo esportivo. Os resultados obtidos na análise quantitativa comprovam que ainda há predominância masculina a frente da cobertura de um mega-evento esportivo, como os Jogos Olímpicos, sendo 90% das reportagens realizadas por homens. Esse resultado evidencia que, apesar da participação das mulheres estar consolidada na cobertura de grandes eventos e os esportes nacionais contarem com uma grande quantidade de mulheres em diversas modalidades, de um modo geral, o mercado de trabalho para o jornalismo esportivo no país ainda se prende a relação de gênero. Tema que vem sendo motivo de movimentos feministas ao redor do mundo, desde os anos 1960. Apoiando-se nas análises quantitativas e qualitativas, os resultados obtidos permitem sustentar o argumento de que as pautas que são apresentadas pelas mulheres, possuem pouquíssimo ou muitas vezes, nenhum valor-notícia.

Com base na análise quali-quantitativa e nos critérios de noticiabilidade das reportagens apresentadas pelas mulheres, conclui-se que o estereótipo de gênero ainda está presente mulher ainda sofre preconceito ao praticar e falar de esporte.

6. REFERÊNCIAS

A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO: No Brasil, mulheres são discriminadas, ganham menos e perdem emprego mais facilmente. **Revista Observatório Social**, Santa Catarina, v. 5, 2004.

ALEXANDRINO, Viviane Aparecida. **A mulher no Jornalismo Esportivo: Análise da Participação Feminina no Telejornalismo brasileiro**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em jornalismo) – Faculdade de Cristo Rei, Cornélio Procópio, 2011.

Audiência da Rio-2016: metade da população mundial acompanhou a Olimpíada. Disponível em <<https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/audiencia-da-rio-2016-metade-da-populacao-mundial-acompanhou-olimpiada.html>> Acesso em: 26 de set de 2019.

BAGGIO, Luana Maia. **A representação da mulher no telejornalismo esportivo: A atuação da jornalista Renata Fan no programa Jogo Aberto da TV Bandeirantes**. Trabalho de conclusão de curso. Santa Maria, RS.Unifra, 2012.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica – História da Imprensa Brasileira**. São Paulo:Ática, 1990.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. Editora Contexto, São Paulo, 2013.

BASTHI, Angélica. **Guia para Jornalistas sobre Gênero, Raça e Etnia**. ONU Mulheres; Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), Brasília, 2011.

BATISTA, Rafael. **Olimpíadas Rio 2016**; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/olimpiadas-rio-2016.htm>> Acesso em 26 de setembro de 2019.

BENJAMIN, Vivian. **Jornalismo esportivo também é lugar de mulher**. Disponível em: <<http://www.casadosfocas.com.br/jornalismo-esportivo-tambem-e-lugar-de-mulher/>> Acesso em: 17 de abril de 2019.

BETTI, Mauro. **A Janela de Vidro: Esporte, televisão e educação física**. Doutorado, Campinas, São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, 1997.

BRAVO, Débora Vasconcellos Tavares. **Elas assumiram o comando. As mulheres jornalistas no mundo do telejornalismo esportivo**. Trabalho de conclusão de curso. Viçosa, MG: UFV, 2009.

BRITTOS, Valério Cruz; BOLANÔ, César Ricardo Siqueira. **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. Editora Paulus, São Paulo, 2005.

CAPRARO, André Mendes. **Mario Filho e a "Invenção" do Jornalismo Esportivo Profissional**. Movimento, Porto Alegre, 2011.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. Editora Contexto, São Paulo, 2003.

CORDEIRO, M. F., BONI, P.C. **Fotojornalismo esportivo: a influência da televisão na imagem impressa**. Londrina, 2005.

DANTAS, M.A. **Mulheres no Jornalismo Esportivo**. Trabalho de conclusão de curso. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

DIAS, Vívica Lima. **Jornalismo Esportivo na televisão: História e legado do jornalista Antônio Marcos**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em jornalismo) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-07/rio-2016-ja-registra-numero-recorde-de-mulheres-participantes>> Acesso em: 27 de março de 2019.

Disponível em: <<http://profissaofoca.com.br/o-jornalismo-esportivo-e-sua-evolucao/>> Acesso em: 27 de março de 2019.

Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Olimpiada/noticia/2016/08/os-jogos-olimpicos-do-rio-de-janeiro-em-numeros.html>> Acesso em: 27 de março de 2019.

Disponível em: <<https://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/jornal-dos-sports-2165>> Acesso em: 27 de março de 2019.

DRUMONT, M.P. **Elementos para uma análise do machismo**. Perspectivas, São Paulo, 3: 81-85, 1980

FERNANDES, Bruna. **Olimpíadas 2016 – Origem dos Jogos Olímpicos**. Disponível em: <<https://blog.enem.com.br/olimpiadas-2016-origem-dos-jogos-olimpicos/>> Acesso em: 26 set. 2019

FERREIRA, Alfredo Manuel de Azevedo. **Discriminação da mulher no mercado de trabalho**. Revista Jus Navigandi, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 18, n. 3551, 22 mar. 2013. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/24024>>. Acesso em: 07 maio 2019.

GLOBO ESPORTE. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Globo_Esporte#Apresentadores> Acesso em: 26 set. 2019

GOELLNER, S.V. **Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história**. Pensar e Prática, v. 8, 2005.

GONÇALVES, Michelli Cristina de Andrade; CAMARGO, Vera Regina Toledo: **A memória da imprensa esportiva (re) contada através da literatura**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1815-2.pdf>>. Acesso em: 10 de novembro de 2011.

GUTTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: Uma história da maior expressão popular do país**. Editora Contexto. São Paulo. 2009.

LIMA, Marisa Antunes; MARTINS, Clóvis; CAPRARO, André Mendes. **Olimpíadas Modernas: A história de uma tradição inventada**. Pensar e Prática. 2009.

LUZ, Laura Becker. **Em busca de espaço: Mulheres no Jornalismo Esportivo em Rádio e TV**. Trabalho de conclusão de curso. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

Memória Globo, Olimpíada de Munique 1972. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/olimpiada-de-munique-1972/transmissao-e-cobertura.htm>> Acesso em: 27 de março de 2019.

Memória Globo. Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/esportes/jogos-olimpiaticos-9275741>> Acesso em: 27 de março de 2019.

Memória Globo: Globo Esporte - Evolução. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte/evolucao.htm>> Acesso em: 26 set. 2019

Na TV aberta, Rio 2016 foi uma olimpíada só da Globo; saiba por que. Disponível em <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/na-tv-aberta-rio-2016-foi-uma-olimpiada-so-da-globo-saiba-por-que-12334>> Acesso em: 26 de set de 2019.

NASCIMENTO, Adriana Silva. **Webwriting e o texto no Jornalismo Online**. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso– Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

NOGAROLI, Camila. **As barreiras do gênero no esporte**. Disponível em: <<https://socioeconomia.org/barreiras-genero-esporte/>> Acesso em: 24 de março de 2019.

Olimpíada do Rio terá uso de internet quatro vezes maior que em Londres. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-07/olimpiada-do-rio-tera-uso-de-internet-quatro-vezes-maior-que-em-londres>> Acesso em: 26 de set de 2019.

Olimpíadas do Rio de Janeiro 2016. 2016. Disponível em <<https://www.suapesquisa.com/olimpiadas2016/>> Acesso em: 26 de set de 2019.

OLIVEIRA, A.P; OLIVEIRA, N.L. **A mulher no jornalismo esportivo**. Revista Observatório, v. 3, n.5, Palmas, 2017.

OLIVEIRA, D. D., PIMENTA, C. C. C. **A Espetacularização Midiática Na Cobertura Do Futebol**. XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Belo Horizonte, 2018

PATERNOSTRO, Vera Ísis. **O texto na TV: Manual de telejornalismo**. Editora Campus. Rio de Janeiro. 1999.

PEDROSA, C.L.S, Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3849/3/CLSPedrosa.pdf>> Acesso em: 27 de março de 2019.

PENA, Rodolfo F. Alves. "**A importância da mulher na sociedade**"; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/a-importancia-da-mulher-na-sociedade.htm>>. Acesso em 22 de março de 2019.

PINHO, J. B. **Jornalismo na internet: Planejamento e produção da informação online**. São Paulo, Summus, 2003.

POSSEBON, Samuel. **TV por assinatura: 20 anos de evolução**. Save Produção. São Paulo. 2009.

PROBST, E.R. **A Evolução da Mulher no Mercado de Trabalho**. Disponível em: <<https://www.rhportal.com.br/artigos-rh/a-evolucao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho/>> Acesso em: 27 de março de 2019.

RIBEIRO, ANDRÉ. **Os Donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil**. São Paulo, 2007.

Rio-2016: saiba quais emissoras brasileiras vão transmitir a Olimpíada. Disponível em <<https://br.blastingnews.com/esporte/2016/08/rio-2016-saiba-quais-emissoras-brasileiras-va-o-transmitir-a-olimpiada-001047047.html>> Acesso em: 26 de set de 2019.

ROSSETO, Graça Penha Nascimento. **Os estudos da TV por assinatura no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso– Faculdades Integradas São Pedro, Vitória, 2004.

RUBIO, Kátia. **Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização**. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte. v.24, n.1. São Paulo, 2010.

SANTOS, Marli; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Mulheres no jornalismo: práticas profissionais e emancipação social**. São Paulo, Cásper Líbero, 1. ed. – UFG/FIC, 2018.

SCARDOELLI, Anderson. **Mulheres ainda são minoria no jornalismo brasileiro**. Disponível em: <<https://portal.comunique-se.com.br/mulheres-jornalistas-minoria/>> Acesso em: 20 de set de 2019.

SCHMALTER, Eduardo. **A programação dos canais de esporte: SporTV x ESPN**. Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.

SETYON, Clarisse. **Um pouco da história do esporte no Brasil**. ESPM, 2013. Disponível em <<http://notaalta.espm.br/fala-professor/um-pouco-da-historia-do-esporte-no-brasil/>> Acesso em: 30 de abril de 2019.

SILVEIRA, Nathália Ely. **Jornalismo Esportivo: Conceitos e práticas**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SIMÕES, A.C. **Mulher e Esporte: >mitos e verdades<**. 1ª ed. São Paulo: Malone, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo Impresso**. Porto, 2001. Disponível em: <<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>>. Acesso em 15mai. 2014.

SOUZA, Rainer. "**O MUNDO SEMPRE FOI MACHISTA?**"; Brasil Escola. Disponível em <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/o-mundo-sempre-foi-machista.htm>>. Acesso em 22 de marco de 2019.

STEGANHA, Roberta. **Jornalismo na internet: A influência das redes sociais no processo de confecção das notícias de entretenimento e celebridade**. Bauru. 2010. Disponível em <<file:///C:/Users/Rafaella%20Basilio/Desktop/TCC/Artigos%20e%20Livros/Jornalismo%20na%20Internet%20-%20STEGANHA%20Roberta.pdf>> Acesso em: 17 de julho de 2019.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, Ed. 2, 2005ª.

TSCHEPPEN, Luciana. **TELEJORNALISMO NO BRASIL: INFORMAÇÃO OU MANIPULAÇÃO?** Trabalho de Conclusão de Curso (pós-graduação) Linguagem e Contemporaneidade. Universidade Tuiuti, Paraná, 2005.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá, Universidade Estadual de Maringá, 2010.

TUBINO, Manoel. **O que é esporte**. Editora Brasiliense. São Paulo. 2006.